

### Cobertura 3

#### **DEIXAR-SE TRANSFORMAR PELO ESPÍRITO**

**NO CENÁCULO, MARIA DESEJA UMA EFUSÃO DO ESPÍRITO EM VISTA DE SUA PRÓPRIA FECUNDIDADE ESPIRITUAL.**

*Era oportuno que a primeira efusão do Espírito sobre ela, ocorrida em vista da maternidade divina, fosse renovada e fortalecida. Com efeito, ao pé da cruz, Maria tinha sido investida de uma nova maternidade, em relação aos discípulos de Jesus. Precisamente esta missão exigia um renovado dom do Espírito. A Virgem desejava-o, portanto, em vista da fecundidade da sua maternidade espiritual. Enquanto na hora da Encarnação o Espírito Santo tinha descido sobre ela, como pessoa chamada a participar dignamente no grande mistério, agora tudo se realiza em função da Igreja, da qual Maria é chamada a ser tipo, modelo e mãe.*

**NO CENÁCULO, MARIA DESEJA UMA EFUSÃO DO ESPÍRITO SOBRE OS DISCÍPULOS E SOBRE O MUNDO.**

*Na Igreja e para a Igreja Ela, lembrando-se da promessa de Jesus, espera o Pentecostes e implora para todos uma multiplicidade de dons, segundo a personalidade e a missão de cada um.*

*Na comunidade cristã a oração de Maria reveste-se de um significado peculiar: favorece o advento do Espírito, solicitando a Sua ação no coração dos discípulos e no mundo. Assim como na Encarnação o Espírito havia formado no seu seio virginal o corpo físico de Cristo, de igual modo agora no Cenáculo o mesmo Espírito desce para animar o Seu Corpo Místico. O Pentecostes, portanto, é fruto também da incessante oração da Virgem, que o Paráclito acolhe com favor singular, porque é expressão do amor materno dela para com os discípulos do Senhor. Contemplando a poderosa intercessão de Maria, que espera o Espírito Santo, os cristãos de todos os tempos, no longo e fatigante caminho rumo à salvação, recorrem com frequência à sua intercessão para receber com maior abundância os dons do Paráclito.*

#### **UM NOVO DINAMISMO FOI DADO À MÃE DO CRISTO E AOS DISCÍPULOS**

*O Espírito Santo cumula da plenitude dos seus dons a Virgem e os presentes, operando neles uma profunda transformação em vista da difusão da Boa Nova. À Mãe de Cristo e aos discípulos são concedidos nova força e novo dinamismo apostólico para o crescimento da Igreja. Em particular, a efusão do Espírito conduz Maria a exercer a sua maternidade espiritual de modo singular, através da sua presença cheia de caridade e do seu testemunho de fé...*

João Paulo II, 28 de maio de 1997

“Deixemo-nos transformar pelo Espírito

Sessão Internacional

Organizada na Casa-Mãe  
de 31 de março a 14 de abril de 2014

para o revigoramento espiritual e vicentino

das Filhas da Caridade  
entre 25 e 40 anos de vocação

## SUMÁRIO

maio-junho de 2014

### **Deixemo-nos transformar pelo Espírito**

- 146 A Palavra de Deus: Cinco Conceitos para Escutar Bem”  
Padre P. Griffin, cm, texto lido pelo Padre Schoepfer, Diretor geral
- 159 A audácia da Caridade  
Irmã Maria Angeles Infante, Filha da Caridade
- 176 O Serviço dos pobres com “Espírito” e em Comunidade  
Padre Roberto Gomez, cm
- 187 Introdução aos Escritos espirituais de Luísa de Marillac  
Irmã Louise Sullivan, Filha da Caridade
- 198 Metodologia para ler os Escritos espirituais de Luísa de Marillac  
Irmã Louise Sullivan, Filha da Caridade

Continuará no próximo número

PADRE P. GRIFFIN, CM

**“A Palavra de Deus:  
Cinco Conceitos para Escutar Bem”**

Nossas *Constituições*, nosso *Documento Interassembleias* e muitos outros textos nossos nos estimulam a refletir sobre a Palavra de Deus e a vivê-la, aliás, este é um chamado fundamental dirigido a todo cristão que Jesus nos faz constantemente:

*Enquanto Jesus dizia essas coisas, uma mulher levantou a voz no meio da multidão, e lhe disse: "Feliz o ventre que te carregou, e os seios que te amamentaram." Jesus respondeu: "Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática" (Lc 11, 27-28).*

*"Portanto, quem ouve essas minhas palavras e as põe em prática, é como o homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, mas a casa não caiu, porque fora construída sobre a rocha. Por outro lado, quem ouve essas minhas palavras e não as põe em prática, é como o homem sem juízo, que construiu sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, e a casa caiu, e a sua ruína foi completa!" (Mt 7, 24-27).*

Poderíamos citar muitos outros exemplos. Claramente, prestar atenção à Palavra de Deus e agir de acordo com ela é a chave para ser quem o Senhor nos chama a ser. Quando prestamos atenção à maneira como nossos irmãos judeus tratam as Escrituras, nós somos lembrados da reverência com que devemos tratar nossos textos sagrados. Eles colocam o Pergaminho da Palavra de Deus num lugar proeminente e o reverenciam com a mesma atenção que nós, normalmente, reservamos para a presença eucarística.

As Escrituras formam uma parte essencial de nossa oração tradicional com os Salmos e as leituras do Ofício a *Lectio divina* e outros...Constituem também uma parte importante da celebração eucarística; dos documentos da Igreja, dos numerosos escritos de nossos fundadores, de nossa maneira de falar e de olhar.

Nesta conferência, gostaria de convidá-las a analisar o primeiro dos cinco conceitos essenciais para compreender a Bíblia. As cinco ideias devem ser entendidas juntas a fim de compreender realmente o significado de cada uma delas. Quando eu ensinava Bíblia em alguns grupos, sempre dediquei tempo a estas ideias e convido-as a estudá-las bem, hoje. Ao abordamos este tema, são úteis três importantes documentos oferecidos pela Igreja: a *Constituição Dogmática Dei Verbum* (Concílio Vaticano II, 1965); a *Interpretação da Bíblia na Igreja* (Comissão Pontifícia Bíblica, 1993); a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* (Papa Bento XVI, 30 de setembro de 2010).

Seria muito fácil contentar-me em definir os cinco conceitos em algumas frases, mas quero realmente analisar o seu significado e como eles são usados no estudo bíblico. Os conceitos são os

seguintes: Revelação, Inspiração, Interpretação, Inerrância e Canonicidade. ( regra decorrente da marca de seu divino autor)

## I. - REVELAÇÃO

A primeira indagação que podemos fazer-nos é: “O que é revelado nas Escrituras?” A Bíblia não é simplesmente um livro que nos diz: “faça isto e não faça aquilo”. Não é um livro que simplesmente conta acontecimentos históricos. Foi a maneira como Deus escolheu revelar a Si mesmo à comunidade humana. O que é revelado na Bíblia é o próprio Deus, sua vontade e seus caminhos.

Primeiro, deixem-me perguntar: “Por que nós usamos palavras?” “Por que nós falamos?”. Uma das razões é para que possamos mostrar o que está dentro de nós. Ao olhar para mim você pode imaginar como eu me sinto ou no que estou pensando ou onde estou indo, mas até eu falar sobre isso, você não sabe realmente. Eu digo a você como eu me sinto e que tipo de dia eu estou tendo; conto a você o que penso sobre isso ou aquilo e por quê; eu digo onde estou indo e o que espero fazer. Falando, usando palavras, eu coloco o que estava dentro de mim, fora de mim. Eu me comunico, me revelo e faço isso com palavras.

Observem a maneira como nós falamos. Nós aspiramos o ar, então, quando o expiramos, nós falamos. O ar passa por nossas cordas vocais e provoca nelas uma vibração e, assim, produz um som - a nossa fala. Na Antiguidade, as pessoas eram também conscientes deste fato que o ar era necessário para a fala. Eles sabiam que as palavras que pronunciavam nasciam de seu sopro de vida. Sem a respiração, não pode haver palavras, nem conversa. Assim, palavras estão conectadas com a vida até quando elas são os meios da autocomunicação.

**No primeiro relato da história da criação** (Gn 1,1ss), Deus chamou todas as coisas à existência através da sua palavra. Deus diz: “Faça-se a luz!” e a luz foi feita. Deus diz “Faça-se o chão seco” e a terra foi feita. Deus cria, nesta primeira história da criação, pelo poder de sua palavra. Tudo que existe, foi criado pelo poder da Palavra de Deus que ele pronuncia na escuridão. Esta palavra traz criação, ordem e luz para o universo.

Pode-se notar em primeiro lugar que Deus fala. Na analogia humana, Deus fala enviando seu sopro divino. A palavra para isso em hebraico é “ruah” e em grego é “pneuma” - uma palavra que significa “sopro”, “vento” e “espírito”. O universo é criado através do envio do divino espírito: o Espírito Santo que traz vida e ordem. Tudo que passa a existir na ordem criada é resultado do poder do espírito de Deus. A existência de todas as coisas é sustentada pela vontade divina.

A segunda coisa que deve ser observada é que, na ordem criada, Deus se revela. Quando Deus cria todas as coisas, Deus se autocomunica, Deus se torna conhecido, Deus nos diz algo sobre quem ele é e o que ele quer. Isto fica evidente, antes de tudo, na própria história da criação.

a) Deus cria todas as coisas, e assim, o poder e a dominação de Deus sobre toda a criação são revelados. Nós sabemos que Deus é todo-poderoso. O que para um ser humano é impossível, é realizado facilmente pelo poder da Palavra de Deus.

b) A opulência da existência nos ensina que a generosidade de Deus vai além de toda compreensão. Quando olhamos o que a nossa ciência tem para nos ensinar sobre o Universo, ficamos impressionados com seu tamanho e poder. Ele é incrivelmente grande. Quando morei em Roma com um dos meus coirmãos costumava fazer-me a mesma pergunta regularmente: *por que Deus criou os dinossauros?* Sua pergunta decorria do fato que nenhum ser humano jamais vira um dinossauro; eles existiram milhões de anos antes de os seres humanos surgirem. Assim, para que dinossauros, se nenhuma pessoa nunca os viu ou nunca irá ver um! Minha resposta era sempre a mesma: *“Deus fez os dinossauros para que você possa se perguntar e se encantar a seu respeito”*. Penso que isso é verdade. Há tanto em nosso universo que nós nunca veremos e dificilmente imaginamos, mas Deus colocou lá para que possamos nos perguntar sobre isso e nos maravilharmos. Estas realidades nos revelam um Deus que está além de nossa imaginação tanto em sua generosidade quanto em sua natureza. O universo nos revela isso sobre Deus.

c) O mundo ao nosso redor nos diz que Deus arrumou o que criou colocando ordem. Deus cria a partir do caos. Deus organiza tudo em seu lugar e lhes dá uma ordem. A Terra gira em torno de seu eixo e ao redor do sol e o sistema solar gira pela galáxia. Há dia e noite, e existem estações. Há também leis da gravidade, da luz e da velocidade. As plantas crescem e dão sementes que originam o crescimento de outras plantas. As pessoas inspiram o oxigênio e expiram o dióxido de carbono que as plantas absorvem e emitem oxigênio. Vocês entenderam a imagem, nós vivemos num universo ordenado que nos revela que Deus é um Deus da ordem e não do caos.

d) O universo nos revela a inimaginável beleza de Deus. Para todo lugar que olhamos, vemos a beleza da criação no céu, nos campos, nos rostos das crianças, no microscópio e na imaginação humana. *“O mundo está cheio da grandeza de Deus”*, como Gerard Manly Hopkins nos fala em sua poesia. Tudo isso nos revela a beleza de Deus de maneira que possamos compreendê-la através de nossos olhos. Mas também através de nossos ouvidos, o lindo som do vento soprando nas árvores ou de um pássaro cantando ou de uma criança rindo ou da música de instrumentos. Nossos narizes sentem os aromas maravilhosos da ordem criada nas flores, na comida e no frescor de uma manhã. O que nosso sentido do tato nos revela sobre a beleza da criação? É evidente que a beleza do mundo que nos rodeia nos revela a beleza daquele que tudo chamou à existência; desta maneira, aprendemos sobre Deus.

e) Um último elemento muito importante a ser mencionado é que aquela ordem criada nos revela a bondade de Deus. Deus não estava sob pressão para criar o universo ou a nós e Deus não precisava criá-lo como fez de uma forma tão maravilhosa. Deus faz tudo isso unicamente por sua própria bondade. O universo que Deus fez revela que esta bondade é para nós e nos convida à bondade e a responder ao nosso Deus com o louvor e ação de graças apropriados.

Assim, quando olhamos a primeira história da criação, ela nos fala sobre a maneira como Deus chama todas as coisas à existência através do poder de sua palavra e como aquela ordem criada nos revela algo da natureza e da vontade de Deus. Ela nos fala sobre o poder da Palavra de Deus e como nós podemos conhecer Deus através da maneira como a palavra revela Deus para nós no mundo que Ele fez.

**A segunda história da criação** (Gn 2,4ss) nos oferece uma inspiração a mais sobre a maneira como Deus revelou a si mesmo a nós. Nesta segunda história, Deus forma o ser humano do

barro da terra - que, claro nos lembra de que nós somos parte da ordem criada - mas então, Deus insufla o sopro divino na forma humana e ela ganha vida. Isso nos ensina, claro, que partilhamos a vida de Deus de maneira diferente do resto da criação, mas isso também sugere algo a mais. A história diz que Deus escolhe fazer-nos à “imagem e semelhança divina”. Quando Deus insuflou o sopro divino em nós, isso significa que, agora, é possível para nós nos comunicarmos com Deus. Nós falamos e Deus ouve; Deus fala e é possível para nós escutá-lo e servi-lo. Esta segunda história da criação continua e complementa a primeira. Deus revela a si mesmo na ordem criada e Deus nos convida a entrar num relacionamento pessoal com ele. Nós somos estimulados a reconhecer a presença de Deus no mundo ao nosso redor e falar com Ele. Deus quer que o conheçamos e nos relacionemos com Ele.

Assim, as histórias da criação no Antigo Testamento nos falam algo sobre a maneira como somos convidados a entrar em comunicação com Deus e a conhecê-lo. A revelação dos caminhos de Deus para o povo de Israel e, particularmente, o dom da Lei e da orientação dos Profetas continuam a autorrevelação que Ele nos faz. Quando vamos para o Novo Testamento, nós somos imediatamente atraídos pela mensagem do Evangelho de João e, em particular, o chamado prólogo do Evangelho:

*“No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus. No começo ela estava voltada para Deus. Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la”* (Jo 1, 1-5).

São inumeráveis os volumes que foram escritos para interpretar o primeiro versículo deste capítulo. O autor deste evangelho voltou à história do Gênesis para dar significado e contexto ao seu evangelho. Ele reconhece que Deus chamou todas as coisas à existência pelo poder de sua Palavra, mas também observa a maneira como a Palavra é identificada ao próprio Deus. É esta Palavra que traz vida e luz ao mundo e nada existe sem a Palavra. Mais uma vez o poder da palavra é apresentado e, agora, intensificado quando o autor do Evangelho insiste no absoluto poder da palavra. Tudo isso leva ao versículo mais forte de toda a Escritura: *“E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. Nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade”* (Jo 1, 14). Esta é a história de João sobre a Encarnação tão sucinta e maravilhosamente formulada. “A Palavra se fez homem”. Jesus, que é a Palavra de Deus, se tornou um de nós.

O que deve ficar claro para nós é que Jesus não apenas pronuncia a palavra de Deus e testemunha na vida esta palavra, mas, na verdade, ele é a Palavra de Deus. Ele se encarna no seio de Maria pelo poder do Espírito Santo. Jesus é, literalmente, o próprio Deus que fala para o mundo. Enquanto a ordem criada reflete, imperfeitamente, Deus no mundo, Jesus é a perfeita expressão de Deus no mundo. Literalmente, toda palavra que ele pronuncia é palavra de Deus e toda ação que ele realiza é a ação de Deus. Conhecer Jesus é conhecer o próprio Deus. E assim, nós conhecemos o poder vivificante das palavras de Jesus. Nós apreciamos a razão por que damos às suas palavras uma reverência especial e poder para transformar nossas vidas.

A fim de compreender a Bíblia adequadamente, precisamos considerar o conceito: Revelação. A Escritura revela mais do que simples regras, fórmulas e história. O que é revelado na Bíblia é o próprio Deus e assim, a Bíblia deve ser tratada com reverência e como uma comunicação

interpessoal com Deus. Admito que algumas partes da Bíblia são mais fáceis de ler do que outras, mas nossa atitude ao ler a Bíblia deve ser de reverência e com uma abertura para ouvir o que Deus tem para nos dizer sobre o ser divino e o relacionamento dele conosco. Alguns outros conceitos que nós consideraremos em breve devem ajudar nesta atitude.

## II. - INSPIRAÇÃO

O segundo conceito é a “Inspiração”. O sentido deste conceito está relacionado ao movimento do Espírito de Deus no autor, na Palavra de Deus e no leitor do texto.

*“A Sagrada Escritura foi escrita por inspiração do Espírito Santo. (...) Para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria”* (Dei Verbum, 11).

A redação das Escrituras acontece através do Espírito Santo que inspira os autores bíblicos a escrever o que Deus quer que seja escrito. Contudo, isto não é um ditado que significaria que os autores bíblicos não tomam parte na maneira como o texto é escrito. Os autores bíblicos escrevem em sua própria língua e usam as convenções de sua época. Se o autor bíblico é rudimentar na ortografia ou como escritor, haverá erros ortográficos e gramaticais no texto. O autor bíblico usa estilos literários de sua época ao escrever histórias, poesia ou mitologias. Ele emprega o conhecimento do povo de sua época e então pode haver erros de ciência, geografia ou história. O autor bíblico é um verdadeiro autor no estilo e estrutura do texto, mas a intenção de escrever é direcionada por Deus.

Assim, o texto é escrito sob a orientação do Espírito e ensina a mensagem de Deus da maneira que Deus quer comunicá-la, apesar das limitações do autor humano. Não é simplesmente o autor do texto que pode ser dito “inspirado”; mas também o texto. Depois do autor ter terminado de escrever o texto sob a orientação do Espírito Santo, o texto em si mesmo deve ser reconhecido como a palavra de Deus inspirada. O texto pode conter um significado que pode ter sido destinado por Deus, mas que não fazia parte da intenção do escritor bíblico.

Finalmente, além de falar sobre o autor e o texto como sendo inspirados, nós devemos falar sobre o leitor do texto como sendo “inspirado”. Este pode ler a Bíblia, e vir a compreender qual era a intenção de Deus para ele nesta época e lugar. O Espírito de Deus age no leitor do texto. Assim, quando nós começamos a ler o texto bíblico, devemos rezar ao Espírito de Deus para que aja em nós e nos ajude a compreender o significado do texto para nós. Nós queremos que o Senhor nos ajude a compreender o que este texto significa para nossas vidas. Isto é a ação do Espírito Santo em nossas mentes e corações. Jesus fala aos seus discípulos deste dom que ele vai dar-lhe:

*“Então, eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês outro Paráclito, para que permaneça com vocês para sempre o espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece. Vocês o conhecem, porque Ele permanece junto de vós. (...) Mas o Paráclito, o Espírito que meu Pai enviará em meu nome, lhes ensinará tudo e lhes lembrará tudo que eu lhes disse. Quando ele vier, dará testemunho de mim. Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para*

*toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer” (Jo 14, 16-17.26; 15, 26; 16, 12-13).*

Observem o papel do Espírito. Ele não é dado para ensinar novas verdades, mas para ajudar a comunidade a compreender as verdades que Jesus já havia anunciado. Durante o ministério terreno de Jesus, os discípulos não conseguiram entender tudo que ele tinha para ensinar-lhes. Eles não conseguiram entender completamente quem ele era ou como ele os estava chamando a viver e agir. Este dom seria dado a eles depois que ele tivesse sofrido, morrido e ressuscitado para uma nova vida. Este Espírito Santo permanece com os discípulos e os ajuda (cf. passagem do Evangelho segundo João); este Espírito Santo permanece com os discípulos e os ajudar a compreender a mensagem de Jesus. Este é o Espírito prometido e recebido em Pentecostes.

*“Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem” (Atos 2, 1-4).*

Cheios do Espírito Santo, os discípulos finalmente compreenderam mais claramente a mensagem e as ações de Jesus e isto os encheu não apenas de coragem, mas da capacidade para proclamar a mensagem mais clara e firmemente. Quando eles proclamam a mensagem, as pessoas que os escutam compreendem o que está sendo dito. O dom da compreensão da mensagem do Evangelho mais claramente vem pela inspiração do Espírito Santo quando lemos a Bíblia. O Espírito Santo é derramado sobre a pessoa e a comunidade; as pessoas são inspiradas para ouvir a palavra e permitir que ela se aplique à sua experiência.

Graças ao Espírito Santo a palavra de Deus ressoa sempre nova em nossas vidas. Se a leitura de uma passagem da Escritura nos falou de uma maneira há algum tempo, esta mesma passagem nos falará de outra maneira, hoje. Graças ao dom do Espírito, compreendemos como uma mesma passagem tem muitos significados e aplicações em nossas vidas. A parábola do semeador e da semente sugere isto para nós:

*“E Jesus falou para eles muita coisa com parábolas: "O semeador saiu para semear. Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho, e os passarinhos foram e as comeram. Outras sementes caíram em terreno pedregoso, onde não havia muita terra. As sementes logo brotaram, porque a terra não era profunda. Porém, o sol saiu, queimou as plantas, e elas secaram, porque não tinham raiz. Outras sementes caíram no meio dos espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram as plantas. Outras sementes, porém, caíram em terra boa, e renderam cem, sessenta e trinta frutos por um. Quem tem ouvidos, ouça!" (Mt 13, 3-9).*

O problema na parábola não é com a semente, mas com o solo. Se não preparamos bem o solo e não abrimos nossos ouvidos à Palavra de Deus, se não permitimos que ela penetre em nossas vidas, então nós nunca seremos capazes de ouvir bem a Palavra de Deus. Este é o papel do Espírito. O Espírito nos ajuda a escutar bem e a permitir que a Palavra de Deus se enraíze profundamente em nossas vidas. Então, nós ouvimos, continuamente, a Palavra de Deus de uma maneira nova e



estimulante. Nós somos inspirados conforme a maneira de ouvirmos a palavra e de permitirmos que ela tome posse de nossas vidas.

Um pouco mais adiante o contraste não é simplesmente entre a semente que produz frutos ou não. Existe também a semente que rendeu trinta, sessenta ou cem frutos por um. Cada uma destas produções será extraordinária para o semeador. Portanto, ele nos diz que não podemos ler o texto e nos satisfazer com uma simples e digna compreensão de lucro. Se recebemos trinta por um, talvez o Senhor nos chame a um rendimento de sessenta por um; e se recebemos um significado que corresponde ao rendimento mais rico de sessenta por um, talvez o Senhor nos chame para produzir cem por um. A ideia é que o Espírito continua a agir, particularmente na comunidade cristã, nos convidando a sermos inspirados mais profundamente, a receber uma grande bênção de graça, com os conselhos e os estímulos que a Palavra de Deus nos concede prodigiosamente. Paulo tinha um grande respeito pelo poder da Palavra de Deus e pela sua utilidade para o ensino e o crescimento do cristão. Por exemplo, ele escreve a Timóteo:

*“Quanto a você, permaneça firme naquilo que aprendeu e aceitou como certo; você sabe de quem o aprendeu. Desde a infância você conhece as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de lhe comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra” (2Tm 3, 14-17).*

Paulo lembra a Timóteo que toda Escritura recebe seu significado de Deus; toda Escritura é recebida como dom do Espírito Santo de Deus e, assim, pode ser aplicada de formas variadas. Nós podemos ouvir o mesmo encorajamento.

Assim, quando nós falamos sobre “Inspiração”, nós estamos falando sobre a maneira como o Espírito estava presente no autor bíblico, como ele protege o texto inspirado, e como continua a agir em quem lê a Bíblia em qualquer época e lugar.

### **III - INTERPRETAÇÃO**

Depois da Revelação e Inspiração, o terceiro conceito é a interpretação. Enquanto a inspiração concentra a nossa atenção sobre a maneira como Deus leva o texto a ser escrito através da orientação do Espírito Santo, a interpretação presta atenção ao texto a partir do ponto de vista particular do leitor. O documento *Dei Verbum* no nº 12 nos dá esta orientação:

*“Como, porém, Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprovou a Deus manifestar por meio das suas palavras”.*

Toda leitura dos textos das Escrituras envolve alguém numa interpretação. Como a *Dei Verbum* sugere, desde o começo houve dois elementos que devem ser levados em consideração na interpretação.

Primeiro, é preciso ter em mente a intenção do autor humano do texto. O que o escritor esperava comunicar ao elaborar o texto desta maneira com formas literárias específicas e o vocabulário que ele empregou? Buscar a intenção do autor bíblico é a primeira tarefa quando lemos um texto bíblico e isto, frequentemente, está relacionado ao significado literal do texto. O que o texto realmente ensina e expressa? Buscar este significado do texto bíblico pode parecer evidente, mas, às vezes, não é tão fácil discernir como alguém pode imaginar ou esperar por causa das diferenças de cultura e de língua do autor e do leitor. Chegar a conhecer as circunstâncias que deram origem ao texto tem sido, frequentemente, buscado por um método de interpretação bíblica chamado “Método Histórico Crítico” que leva em consideração as circunstâncias da época e do lugar do autor, o gênero literário da passagem e o processo que levou à forma final do texto. Este esforço para descobrir a intenção do escritor do texto é importante como primeiro passo.

Mas deve-se buscar um outro significado no texto, um significado pretendido por Deus, mas não (completamente) pretendido pelo autor bíblico. Isto é chamado, algumas vezes, de “significado mais pleno” do texto, o “sensus plenior”. Já que Deus é o autor de toda a Bíblia e não simplesmente de um livro específico, Deus pode pretender outros significados e interpretações que estão além do desejo do autor bíblico. O leitor cuidadoso de um texto pode discernir este significado no seio da Igreja.

Há muitos tipos de métodos úteis para a interpretação de um texto bíblico. Pode-se descobri-los em vários documentos da Igreja, por exemplo, no documento de 1993 da Comissão Pontifícia Bíblica *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. Alguns destes métodos concentram nossa atenção no autor do texto, alguns no texto em si mesmo e alguns nos leitores do texto.

Às vezes, um tipo de interpretação bíblica que se concentra no leitor é chamado de “abordagem contextual”. O contexto aqui, no entanto, não é o do autor original do texto, mas o contexto do leitor. Não é possível ler um texto bíblico sem trazer nossa experiência para este esforço. Estamos no século XXI, vivemos num país específico e que vêm de outras experiências específicas. Lemos o texto com esta perspectiva. Alguns gostariam de tentar remover esta perspectiva já que ela parece trazer um preconceito pessoal para a leitura, mas a abordagem contextual assume a oposição oposta. Uma abordagem contextual nos convida a ler dinamicamente um texto a partir de nossa própria perspectiva. Assim, nós somos convidados a buscar o significado num texto que dá particular orientação para nossas vidas e missão.

Gostaria de convidá-las a se aproximarem da interpretação de um texto com um olhar vicentino. Ler um texto a partir desta perspectiva nos encoraja a estarmos atentos ao que ele diz sobre o pobre ou sobre como eles são abordados ou como eles são tratados. Quando escuto a Palavra proclamada a partir desta perspectiva, há um significado a mais e diferente para mim? O que a história de uma mulher flagrada em adultério nos ensina sobre a maneira como os pobres são usados como instrumentos para lutas políticas? O que a parábola de Lázaro e o homem rico nos fala sobre a invisibilidade e a falta de voz dos pobres? O que a história da mulher com hemorragia nos fala sobre a impotência dos pobres diante das autoridades estabelecidas? Como você se vê impelida pela caridade de Cristo na história da multiplicação dos pães e dos peixes ou na parábola da ovelha perdida? O que a história da cura do cego ou do lava-pés diz a você sobre o tratamento dos pobres como seus senhores e mestres?

Ler a Escrituras com olhos vicentinos é um convite para interpretar as histórias dos Evangelhos de uma maneira que dialogue com nosso carisma e nos leve a servir de maneira adequada à vida que escolhemos. Este método busca um tipo específico de “inspiração” e permite uma concentração na “interpretação”.

Texto preparado pelo Padre P. Griffin,  
lido pelo Padre B. Schoepfer

IRMÃ M. A. INFANTE, FC

## **A AUDÁCIA DA CARIDADE**

### **Espiritualidade, inserção, pobres**

#### **1.- JUSTIFICATIVA DO TEMA: “ESTE ASSUNTO ME DIZ RESPEITO”**

A *audácia da caridade* para um novo elã missionário é o tema de nossas Assembleias locais e provinciais em vista da próxima Assembleia Geral. Na verdade, é muito mais do que isto, é um chamado do Espírito à Igreja que responde a uma necessidade vital do Povo de Deus. Nós constatamos isso ao nosso redor: a audácia e a coragem para evangelizar estão em baixa em muitos lugares da terra.

Recordemos que a audácia da caridade comporta três elementos: espiritualidade, inserção na realidade e atenção preferencial aos pobres. Estou convencida de que o tema requer memória, reflexão e oração. O Papa Francisco nos disse com muita clareza na Exortação Evangelii Gaudium: *“A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. ... precisamos nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos de Lhe implorar cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial”* (EG, n° 264).

Como consagradas, este tema nos diz respeito e nos afeta pessoalmente. Toda a vida de Jesus de Nazaré é expressão da audácia do seu amor pelo Pai e pelos seres humanos. O Evangelho o destaca de maneira clara. Em meio à multidão que o busca, Ele oferece a cura aos enfermos, a vista aos cegos, o ouvido aos surdos e o alimento aos famintos. A audácia, a criatividade e a habilidade estão unidas em seus olhos, em suas mãos e em seu coração. A audácia de sua caridade deixa transparecer a compaixão de seu coração e da misericórdia do Pai. *“É isso mesmo o que os outros precisam, embora não o saibam”* (EG, n° 265).

Como os primeiros cristãos eram audaciosos e sua audácia se mostrava como um impulso missionário evangelizador. Realmente atraíam para a Fé em Jesus por causa da audácia de sua caridade: *“Vejam como se amam”*. A primeira perseguição de Pedro e João foi motivada pela audácia de sua caridade com o paralítico que pedia esmolas na porta do templo (Atos 3, 1-26). Eles sabiam que a audácia da caridade é a essência dos ensinamentos de Jesus: *“Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos”* (Jo 13, 35). *“Permaneçam no meu amor”* (Jo 15,9). E lembravam-se de suas palavras depois do lava-pés: *“Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos* (Jo 15, 13). Este amor maior a Deus e aos irmãos

foi o segredo da audácia dos mártires, a fonte de fortaleza que os levou a entregar a vida perdendo aos perseguidores<sup>1</sup>.

A audácia da caridade tem alicerçado a Igreja desde as origens até nossos dias. A audácia da caridade está na base dos diferentes carismas de todas as congregações e institutos de vida consagrada. Todos os Fundadores se destacaram por vivê-la em docilidade à ação do Espírito Santo. São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac brilham na Igreja de Deus pela audácia de sua caridade: as Confrarias, as missões, a atenção aos galerianos, o cuidado com as crianças abandonadas, o envio de Missionários e Irmãs às frentes de batalha... Tudo isso é fruto e expressão da audácia de sua caridade.

O Papa João Paulo II na Exortação *Partir de Cristo*, programa pastoral da Vida Consagrada do terceiro milênio, reconhece a abundância de medos em nosso mundo e a necessidade da audácia para ser testemunha da misericórdia de Deus<sup>2</sup>.

Bento XVI afirmava em dezembro de 2012: *“Numa sociedade globalizada, ambivalente na realidade, na qual “não se globalizaram apenas a tecnologia e a economia, mas também a insegurança e o medo, a criminalidade e a violência, as injustiças e as guerras”. Nesta situação, as pessoas consagradas são chamadas pelo Espírito a uma constante conversão para dar uma nova força à dimensão profética da sua vocação”*. O tema diz respeito especialmente a nós porque nossa audácia na caridade é o melhor manual pedagógico para o Povo de Deus, nas palavras dos Papas Bento XVI e Francisco.

O Papa Bento XVI durante o seu pontificado lançou com insistência apelos urgentes à *audácia da caridade*. Suas encíclicas *Deus caritas est* e o *Motu Proprio De caritate ministranda* sobre o serviço da caridade dão destaque a isso. Mariano Facio, filósofo e historiador, faz constar em seu livro: *De Bento XV a Bento XVI*<sup>3</sup>: *“A conjuntura atual exige dos cristãos coerência de vida para atuar com audácia e fecundidade na praça pública, superando os obstáculos que um laicismo militante quer impor a toda manifestação transcendente”*.

O Sínodo para a Nova Evangelização, de outubro de 2012, fez constatações importantes sobre o tema: *“É necessário dar forma a comunidades acolhedoras, nas quais todos os marginalizados encontrem a sua casa, a experiências concretas de comunhão que, com a força ardente do amor - “Vede como se amam!”... - atraíam o olhar desencantado da humanidade contemporânea”* (Mensagem do Sínodo sobre a NE, 3).

O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* nos adverte que a falta de audácia está unida à tristeza de um coração fechado em seu individualismo: *“Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha dum vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado”* (EG. n° 2).

Depois deste diagnóstico, ele convida a todos ao risco, à coragem para confessar a fé e a viver com a audácia da caridade. *“Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que “da alegria trazida pelo Senhor”<sup>4</sup>, ninguém é excluído. Quem arrisca, o Senhor não o desilude”* (E.G, nº 3).

Na mesma Exortação *Evangelii Gaudium*, ele nos alerta contra a rotina e uma espiritualidade desencarnada: *“Como é perigoso e prejudicial este habituar-se que nos leva a perder a maravilha, a fascinação, o entusiasmo de viver o Evangelho da fraternidade e da justiça!”* (EG. nº 179).

Por isso este tema diz respeito a mim, pessoalmente, e a cada uma de nós como Filhas da Caridade. Não podemos ignorá-lo. Precisamos olhar a audácia da caridade de Jesus Cristo, dos primeiros cristãos e de nossos Fundadores para poder seguir Jesus Cristo com radicalidade, para fazer o que Ele fez e continuar sua missão. Somente a partir da audácia da caridade *seremos Testemunhas e Profetas do amor do Pai em nosso mundo.*

Vicente de Paulo e Luísa de Marillac foram inovadores e abriram novos caminhos para a vida consagrada feminina. Buscaram estruturas alternativas ao que o Concílio de Trento tinha estabelecido: *“Tendo por mosteiro senão as casas dos doentes e onde reside a superiora, por cela um quarto de aluguel, por capela a Igreja da paróquia, por claustro as ruas da cidade e as salas dos hospitais, por clausura a obediência, por grade o temor de Deus, por véu a santa modéstia e não fazendo outra profissão para manter a sua vocação, senão a contínua confiança na Divina Providência e oferecendo-se inteiramente”<sup>5</sup>.* É uma questão de obediência à Igreja e de fidelidade ao carisma das origens! Isso nos diz respeito de perto!

## **2. CONCEITOS E FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA E ECLESIAL**

Conhecemos bem o significado da palavra audácia: coragem, força e atrevimento para agir, enfrentar riscos e superar os fracassos que impedem realizar um projeto. À primeira vista, estes são valores humanos muito importantes, atualmente, diante da globalização da indiferença que o Papa Francisco tem denunciado com tanta energia<sup>6</sup>.

Se nos situarmos no nível da fé e agirmos movidas por ela, a audácia é a expressão própria da virtude cardinal da fortaleza. No entanto, em relação à caridade, a audácia se converte em dom do Espírito Santo, já que supõe viver o dinamismo interior de um coração possuído pela caridade e animado pelo dom da fortaleza. A audácia da caridade nos introduz mais profundamente no coração de Jesus Cristo, em seus sentimentos e ações, impulsionando-nos a continuar sua missão; induzindo-nos a ser testemunhas e profetas de seu amor no mundo de hoje, não no de ontem. Por isso implica uma vida de oração, uma espiritualidade de comunhão, a inserção e o gosto de estar com o povo. A audácia da caridade é fonte de criatividade e coragem para enfrentar os riscos da missão. Nossa história de caridade está cheia de testemunhas exemplares neste sentido.

Em nível teológico-bíblico, a audácia da caridade é a participação em plenitude no *espírito de Pentecostes*, é a força interior do Espírito Santo que possui uma pessoa para fazer o bem e ser

testemunha da caridade de Jesus Cristo. Este significado está implícito no número 24 de *Redemptoris Missio*: “A vinda do Espírito Santo fez deles testemunhas e profetas (cf. At 1, 8; 2, 17-18), infundindo uma serena audácia, que os leva a transmitir aos outros a sua experiência de Jesus e a esperança que os anima. O Espírito deu-lhes a capacidade de testemunhar Jesus “sem medo”.

Nesta segunda parte, **escutaremos alguns textos** bíblicos e do Magistério da Igreja que nos ajudarão a recriar o conceito teológico-bíblico. A audácia da caridade é o fruto visível dos dons da fortaleza e da sabedoria do evangelizador. Pelo dom da fortaleza recebemos força interior, criatividade e coragem para agir sabendo que o Espírito Santo nos guia e atua conosco e em nós. Assim diz a Sagrada Escritura:

*“Seja firme e corajoso. Portanto, não tenha medo e não se acovarde, porque o Senhor seu Deus está com você aonde quer que você vá”.* (Js 1, 8);

*“Os que esperam em Javé renovam suas forças, criam asas, como águias, correm e não se fatigam, podem andar que não se cansam”* (Is 40, 31).

*“Escute, Israel! Vocês hoje estão prontos para guerrear contra seus inimigos. Não se acovardem, nem fiquem com medo, não tremam nem se apavorem diante deles, porque o Senhor seu Deus marcha com vocês”* (Dt 20, 3-4).

Esta promessa de força, vigor e audácia é perfeitamente percebida na vocação e na missão de Moisés (cf. Ex 3, 7-12). Diante da sarça-ardente, ele sente um chamado e recebe uma missão que requer coragem. Ele reconhece sua incapacidade e a confessa, mas a força de Deus lhe comunica a audácia de que necessita para a missão. Três sinais visíveis e surpreendentes o fazem confiar na Palavra de Deus: o cajado-serpente; sua mão leprosa e a água do rio convertida em sangue. Sua audácia vem de Deus, do poder do seu Espírito. Ele confia em Deus e acolhe como dom gratuito a força que lhe é prometida e se dirige para a missão, ao Egito, para libertar seu povo. A missão de Moisés foi marcada pela audácia da caridade.

O crente do salmo 62 expressa com clareza que a audácia da caridade é também fruto do dom da sabedoria: *“Só em Deus, ó minha alma, repouse, porque dele vem a minha esperança. Só ele é a minha rocha e a minha salvação, a minha fortaleza: jamais serei abalado! De Deus depende a minha salvação e minha fama, Deus é o meu forte rochedo. Deus é o meu refúgio* (Sl 62, 6-9). Esta fé e confiança enchem de fortaleza e ânimo a missão e lhe confere novo impulso. É a certeza do salmista, dos santos, de nossos fundadores e também a nossa, ainda que, às vezes, dúvidas e perplexidades nos espreitem. Por isso, a audácia da caridade deve nascer de uma profunda experiência de Deus.

Jesus no diálogo com Nicodemos nos explica que o amor é o segredo de sua Encarnação e de sua audácia apostólica: *“Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha a vida eterna”* (Jo 3, 16). O Evangelho nos oferece três expressões insuperáveis da audácia da caridade de Jesus: a Encarnação, a Eucaristia e o Mistério Pascal: cruz, morte e ressurreição. Nelas, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac encontraram a fonte de seu dinamismo espiritual e apostólico para serem testemunhas e profetas de caridade. Por isso, de diversas maneiras insistem conosco para que bebamos nas mesmas fontes<sup>7</sup>.

A vida da primeira comunidade cristã está marcada pela audácia da caridade: incompreendidos e perseguidos, eles se reúnem nas casas para o culto, a catequese e a caridade: *“Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações. Em todos eles havia temor, por causa dos numerosos prodígios e sinais que os apóstolos realizavam. Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Diariamente, todos juntos frequentavam o Templo e nas casas partiam o pão, tomando alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação”* (Atos 2, 42-47).

O Concílio Vaticano II no decreto *Perfectae Caritatis* sobre a renovação da vida consagrada nos impulsiona à audácia: *“Promovam os Institutos nos seus membros o conveniente conhecimento das circunstâncias dos tempos e dos homens bem como das necessidades da Igreja; de maneira que (...) ardendo de zelo apostólico, possam mais eficazmente ir ao encontro dos homens”*<sup>8</sup>. No número 2 deste decreto *Perfectae Caritatis* estão assinaladas as características da audácia da caridade:

- 1 - Um conhecimento adequada da realidade de nosso mundo.
- 2 - Conhecimento das necessidades da Igreja e dos sinais dos tempos.
- 3 - Julgamento sábio de cada situação, seguido de discernimento.
- 4 - Prudência evangélica, conhecendo as forças e os meios com que contamos, tal como diz o Evangelho: *“Se alguém de vocês quer construir uma torre, será que não vai primeiro sentar-se e calcular os gastos, para ver se tem o suficiente para terminar?”* (Lc 14, 28).
- 5 - Competência profissional.
- 6 - Decisão de fazer o bem e sair para as periferias com zelo ardente.
- 7 - Perseverança no bem empreendido, superando as dificuldades e fracassos.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* de João Paulo II nos estimula a viver a audácia da caridade: *“Deste modo, os Institutos são convidados a repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e a santidade dos fundadores e fundadoras, como resposta aos sinais dos tempos visíveis no mundo de hoje”* (VC. n° 37).

O Papa Francisco insiste sem cessar no efeito evangelizador da audácia: *“Igreja deve ser atraente. Despertem o mundo! Sejam testemunhos de uma forma diferente de fazer as coisas, de agir, de viver! É possível viver neste mundo de forma diferente”*<sup>9</sup>. Várias vezes nos repete: *“É preciso sair da calma e da tranquilidade”*. Na *Evangelii Gaudium* nos instiga: *“Onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas”* (E. G., 107). Não podemos escutar passivamente e cruzarmos os braços, ou nos refugiarmos na falta de saúde, na escassez de meios, na carência de vocações ou no envelhecimento institucional. Sempre se pode dar mais, reavivar o fogo do primeiro amor e sair do pessimismo e da estagnação autorreferencial.

### **3 - ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS À AUDÁCIA DA CARIDADE**

Nesta terceira parte vamos aprofundar e refletir sobre os três elementos já mencionados: espiritualidade cristocêntrica da compaixão e comunhão, inserção na realidade e atenção preferencial aos pobres: *“A coragem do anúncio do Senhor Jesus deve ser acompanhada pela*

*confiança na ação da Providência que opera no mundo de tal modo que “tudo, mesmo as adversidades humanas, converge para o bem da Igreja” (VC. 81).*

A confiança na Providência tão querida e pregada pelos nossos Fundadores é a companhia inseparável da audácia porque com ela se concebe a missão como fruto do Espírito que nos guia e anima, e nunca como um projeto pessoal. Somente através da abertura ao Espírito Santo e a confiança na Providência, nós somos e nos sentimos continuadoras da missão de Jesus Cristo. Aí está a fonte da audácia da caridade. É o que São Vicente nos repete com insistência: *“Sabeis muito bem, minhas Irmãs, que é Deus que dá coragem e força para empreender tudo o que fazeis por caridade. Era essa confiança que levava os apóstolos a empreenderem todas as grandes obras, que os fazia falar com tanta segurança aos grandes e aos pequenos. Era ela que fazia São Paulo dizer: Posso tudo naquele que me fortalece”* (Conferência de SV as duas Irmãs enviadas a La Fère, 29/07/1656, pág. 593 e 594).

O Santo João Paulo II nos propôs um caminho de audácia possível e crível:

\* **A espiritualidade de comunhão** que é a de Jesus Cristo: comunhão com Deus e com os irmãos para chegar a *“fazer da Igreja uma escola de comunhão”* (NMI, 43). Viver esta espiritualidade supõe *“dedicar regularmente, todos os dias, momentos apropriados para aprofundar-se no colóquio silencioso com Aquele por quem sabem ser amados, a fim de compartilhar com Ele a própria vida e receber luz para continuar o caminho cotidiano”* (A Partir de Cristo, nº. 25).

\* **A inserção na realidade:** *“tomar consciência dos desafios do seu tempo, identificando o sentido teológico profundo deles por meio do discernimento realizado com a ajuda do Espírito”* (VC. 73)... *A nova evangelização exige dos consagrados e consagradas plena consciência do sentido teológico dos desafios do nosso tempo... em ordem à renovação da missão (V.C. 81).*

\* **Atenção preferencial aos pobres**

O Papa Francisco retoma estes três elementos da audácia da Caridade:

\* Para uma espiritualidade de comunhão, ele nos nos desafia *“a imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas”* (EG. nº 73)... *“Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais...”* (E.G. 74).

\* A inserção na realidade à qual o Papa Francisco nos estimula, supõe um *“SIM decidido ao desafio de uma espiritualidade missionária que nos leva a vencer a preocupação exacerbada com os espaços pessoais de autonomia e descanso”*, a realizar as tarefas não como um mero apêndice da vida, mas como expressão da própria identidade. Acolher este desafio de viver uma espiritualidade missionária implica superar as tentações que bloqueiam a audácia da caridade: *o individualismo, a crise de identidade e um declínio do fervor* (E.G. 78).

\* **Atenção aos pobres:** *“No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo “Se fez pobre” (2 Cor 8, 9) (EG, 197) Por isso o Papa nos repete: “Desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar.”* (EG, 198).



Somos chamadas a rever, rezar, discernir e promover esta espiritualidade comunhão e missionária que a Nova Evangelização exige em nossas comunidades eclesiais.

### **3.1 - VIVER UMA ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO, ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA NA IGREJA.**

Tudo isto implica:

a) *“Um novo modo de pensar, falar e trabalhar para que a comunhão se abra à missão, fazendo-se ela mesma missão”*, sobretudo, entre os pobres e excluídos. *A comunhão gera comunhão e se configura essencialmente como comunhão missionária*<sup>10</sup>. *Pensar, dizer e trabalhar* em favor da comunhão são aspectos fundamentais da audácia da caridade que se irradia na missão, no testemunho pessoal e comunitário que questiona e atrai. Assim, o estilo de vida se torna plenamente evangélico e evangelizador, a concórdia se enriquece e a força da missão se dilata.

b) *Formar para a comunhão* tanto na formação inicial como na permanente. Isto é válido para nós e para o clero, os consagrados e os leigos. A missão é única: a de Cristo e de sua Igreja, por isso temos de voltar nosso olhar para a comunhão das primeiras comunidades cristãs (Cf. Atos 4, 32-35).

c) É questão de fidelidade ao carisma. No coração da Trindade, encontramos o manancial da *filiação divina, da fraternidade cristã e da missão*. A espiritualidade de comunhão situa todos os membros da Igreja que seguem Jesus.

d) *Promover a comunhão para a missão*. Assim ensinou Jesus e viveram os primeiros cristãos: *“Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste”* (Jo 17, 21). Assim entenderam e viveram nossos Fundadores. São Vicente de Paulo solicitou a colaboração dos leigos nas Confrarias da Caridade, dos Jesuítas e Oratorianos nas missões populares, da Companhia do Santíssimo Sacramento para sua ação de caridade com os galerianos, foi diretor e superior das religiosas da Visitação desde 1622 até sua morte 1660. Eram outros tempos e já nos dava exemplo de comunhão para a missão.

e) *O magistério da Igreja*. A espiritualidade de comunhão fortalece a vida e a missão da Igreja. Por isso João Paulo II a apresentou a todos os setores do Povo de Deus como o caminho do futuro da Igreja: aos leigos, *Christi fideles laici*; aos sacerdotes, *Pastores dabo vobis*; aos bispos, *Pastores gregis*; aos consagrados, *Vita consecrata*. A espiritualidade de comunhão contribui com aquilo de que a Igreja mais necessita hoje: ***diálogo, participação, colaboração e corresponsabilidade***.

### **3.2 - A INSERÇÃO SOCIAL E ECLESIAL**

A inserção é nossa forma de presença no mundo e na Igreja. Vivemos numa realidade social eclesial e institucional que nos influencia.

Nesta mudança de época, a Igreja está perdendo influência social e, com certa frequência, se coloca em dúvida sua credibilidade e, em alguns países, ela é perseguida. Diante da falta de vocações, o envelhecimento vocacional avança. Esta realidade pode provocar desânimo, desencanto, pessimismo, rotina e negligência. Mas a partir da audácia da caridade, esta realidade se converte em desafio e oportunidade. Assim, viveram os primeiros cristãos. A perseguição da Igreja proporcionou a difusão da Fé e os cristãos se tornaram mais fortes para testemunhá-la com ousadia e coragem. O mesmo ocorreu na primeira metade do século XX, na Espanha. Aí estão nossos mártires que reagiram com grande coragem e audácia.

A inserção social para nós tem um objetivo fundamental: escutar o clamor dos pobres para suscitar respostas corajosas de serviço e libertação. A Igreja nos pede: *“Assim como há um século, era a classe operária que era oprimida nos seus direitos fundamentais, e a Igreja com grande coragem tomou a sua defesa, proclamando os sacrossantos direitos da pessoa do trabalhador, assim agora, quando outra categoria de pessoas é oprimida no direito fundamental à vida, a Igreja sente que deve, com igual coragem, dar voz a quem a não tem. Ela retoma sempre o grito evangélico em defesa dos pobres do mundo, de quantos estão ameaçados, desprezados e oprimidos nos seus direitos humanos”* (Evangelium Vitae, 5)

A Exortação *Evangelii Gaudium*, recentemente, nos disse: *“Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”* (EG, n° 187).

Atualmente, nossa forma de inserção está em função de poder escutar com discernimento e clareza o clamor dos pobres. Ao mesmo tempo, temos de ter presente que, escutar o clamor dos pobres, implica maior radicalidade em nossa pobreza, coragem para oferecer respostas de serviço adequadas às suas necessidades. *“Não a uma economia de exclusão, não à nova idolatria do dinheiro, não a um dinheiro que governa ao invés de servir, não à desigualdade social que gera violência, não a uma cultura que prioriza a aparência, o culto ao exterior, ao imediato, visível, rápido, superficial, provisório, não a uma secularização que pretende reduzir a fé e a Igreja ao âmbito íntimo e privado, não ao relativismo moral que causa uma desorientação generalizada”* (EG. 53-64).

O Papa nos adverte a respeito dos meios de comunicação: *“Vivemos numa sociedade da informação que nos satura sem discernimento de dados, todos no mesmo nível, e acaba por nos conduzir a uma tremenda superficialidade no momento de enquadrar as questões morais. Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores”* (EG., n° 64).

O Papa Francisco, em seu programa pastoral para a Igreja denuncia as formas de inserção antievangélica: *“Nos agentes pastorais, desenvolve-se um relativismo ainda mais perigoso que o doutrinal. (...) Este relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem. É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças económicas ou a espaços de poder e de glória*

*humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário!”* (EG. nº 80). E continua nos pedindo um não a uma negligência egoísta, um não a um pessimismo estéril, um não a um mundanismo espiritual, um não à guerra entre nós e um SIM às relações novas geradas pelo encontro com Jesus Cristo e seu Evangelho. (EG. de 80 a 97).

### **3.3 - A PREFERÊNCIA PELOS POBRES**

O Papa Francisco nos dá as chaves para vivê-la: *“Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio. Voltemos a ler alguns ensinamentos da Palavra de Deus sobre a misericórdia, para que ressoem vigorosamente na vida da Igreja. O Evangelho proclama: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5, 7). O Apóstolo São Tiago ensina que a misericórdia para com os outros permite-nos sair triunfantes no juízo divino: “Falai e procedei como pessoas que hão-de ser julgadas segundo a lei da liberdade. Porque, quem não pratica a misericórdia, será julgado sem misericórdia. Mas a misericórdia não teme o julgamento” (2,12-13)”* (EG., nº 193).

Foi isso que moveu Vicente de Paulo e Luísa de Marillac a fundar a Companhia das Filhas da Caridade. São Vicente nos diz: *“Teríamos que vender a nós mesmos para tirar nossos pobres irmãos da miséria”* <sup>11</sup>. E motivava os missionários a ir aos pobres assim: *“Como?! Ser cristão e ver seu irmão sofrendo sem chorar com ele? Sem ficar doente com ele? É não ter caridade; é ser cristão de fachada; é não ser humano, é ser pior do que os animais”* (Coste XII, pág.271).

Santa Luísa insiste no olhar de fé ao nos aproximarmos deles: *“Se nos afastamos, por pouco que seja, da lembrança de que eles são membros de Jesus Cristo, isso nos levaria, infalivelmente, a que diminuam em nós, essas belas virtudes (doçura e caridade)”* (SL C. 115, pág. 134). Nas cartas à Irmã Bárbara Angiboust, ela especifica os detalhes: *“Somos obrigadas a contentar a todos e a realizar, com paciência, a obra de Deus, executando todas as coisas sem atropelo. Nossa vocação de servas dos pobres é para nós um chamado de atenção para a doçura, a humildade e tolerância que devemos ter com o próximo; para respeito e honra que a todos devemos: aos pobres, por serem membros de Jesus Cristo e nossos senhores e aos ricos, para que nos proporcionem meios de fazer o bem aos pobres”* (SL C. 487, pág. 533).

## **4.- PROPOSTAS PARA EXERCITAR-SE NA AUDÁCIA DA CARIDADE**

No início do terceiro milênio, João Paulo II nos dizia na Encíclica *Novo Millennio Ineunte*: *“O cristão, que se debruça sobre este cenário, deve aprender a fazer o seu ato de fé em Cristo, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza. Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milênios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva. É hora duma nova “fantasia da caridade”, que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna”* (NMI, 50).

Estamos *na hora da audácia, da nova “fantasia da caridade”*, que nos deve impulsionar a compromissos concretos.

#### **4.1.- PARA FOMENTAR A ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO:**

\* Receber de Cristo a audácia da Caridade que supõe cultivar cuidadosamente a relação pessoal com Jesus Cristo na oração, contemplá-lo no Evangelho, deixar-se interpelar por sua Palavra, encher-se de seus sentimentos e tornar seu desejo realidade: *“Que todos sejam um, como tu, (..) a fim de que o mundo acredite” (Jo 17, 21)*.

\* Acolher a espiritualidade de comunhão implica três ações: **buscar** a vontade de Deus Pai para nós, hoje; **escutar** sua Palavra e o grito dos pobres como Moisés e Jesus de Nazaré e **oferecer** o que somos e temos a serviço dos pobres. Isto requer:

- Fazer um discernimento pessoal e comunitário,
- Compartilhar a Palavra de Deus com e a partir dos Pobres com simplicidade de coração e portas abertas para fazer da Comunidade: casa e escola de comunhão.
- Colaborar com as equipes paroquiais e diocesanas de Liturgia, Círculos Bíblicos, grupos de oração ecumênica e diálogo inter-religioso.
- Criar laços de comunhão e de encontro, compartilhando a oração e o carisma com outros institutos e associações de acordo com o carisma da caridade que realizamos na Igreja.
- Promover e dar um testemunho de comunhão fraterna e de fervor apostólico que se mostre atrativo e resplandecente, de tal forma que quantos nos vejam possam admirar como nos amamos.

#### **4.2.- PARA FAVORECER A INSERÇÃO SOCIAL**

Abrir-nos ao conhecimento da realidade buscando informação sobre os problemas e situações de pobreza que existem ao nosso redor, sair para as periferias, discernir comunitariamente, viver a pobreza evangélica com maior radicalidade, estar disponível para oferecer respostas arriscadas em solidariedade com os pobres, ser profetisas corajosas para defender a justiça e a dignidade das pessoas, cuidar para que nossas relações fraternas sejam realmente um testemunho de comunhão e fonte de dinamismo para a missão. Tudo isso em colaboração e comunhão com outras forças vivas da Igreja.

Assim fizeram e viveram São Vicente e Santa Luísa: a atenção aos galerianos, às crianças sem instrução das aldeias e bairros marginalizados das cidades, às crianças abandonadas, aos feridos nas guerras, aos idosos, às pessoas de rua, aos doentes mentais... todas estas obras demonstram a audácia da caridade na inserção social do tempo no qual eles viveram.

Neste momento da vida da Igreja, nossa inserção exige que prestemos atenção aos apelos do Papa Francisco com respostas concretas:

- Evitar o “mundanismo espiritual” (EG, nºs 93-97) e lutar contra ele para tornar crível o Evangelho, sabendo que isso supõe cotas de sacrifício.
- Revisar nossas estruturas para que sejam vias mais adequadas à nova evangelização do mundo do que à sobrevivência, de maneira que sejam mais missionárias (EG, nº 27).
- Colaborar com a reconfiguração em nível de Companhia com os olhos fixos na missão.

- Decidir com urgência a saída em direção às periferias dos pobres depois de discernimento comunitário e revisão de nosso estilo de vida.

- Acolher os voluntários que buscam colaborar com grupos de serviço aos pobres e iniciativas missionárias, oferecendo-lhes vias de formação cristã e possibilidades de colaborar na missão.

- Convidar os jovens a compartilhar oração e missão, transmitindo o fervor apostólico e a alegria por nos sentirmos continuadoras da missão de Jesus Cristo com os pobres. É um meio muito válido de pastoral vocacional hoje.

- Acompanhar espiritualmente os jovens em situação de busca de sentido para sua vida.

#### **4.3.- PARA SERMOS TESTEMUNHAS AUDACIOSAS DA CARIDADE COM OS POBRES**

Deixar-nos invadir e cultivar o coração pelo amor compassivo de Jesus Cristo pelos pobres e ir até eles com seu olhar e seus sentimentos, oferecendo-lhes:

- Um olhar novo e fraterno, nem autoritário, nem paternalista;

- Uma atitude de alegria, gratidão e entusiasmo pela vocação recebida;

- Um olhar misericordioso pela sua realidade e sua pessoa, que expresse humildade, proximidade, ternura e coragem para buscar soluções e enfrentar riscos;

- Oferecer respostas criativas e concretas às suas necessidades: situações de desemprego, pobreza de muitas famílias, problemas de violência e ruptura familiar, sofrimento e solidão de tantas crianças e idosos, drogas, buscando a colaboração e ajuda em instituições públicas e eclesiais.

Para finalizar, transmitir alegria e misericórdia com nossos gestos e palavras, de modo que a caridade de Cristo possa chegar através de nós a todos as pessoas, sem exceções nem exclusões.

Irmã M<sup>a</sup> Ángeles INFANTE  
FILHA DA CARIDADE

NOTAS:

<sup>1</sup> Cf. Constituição *Lumen Gentium*, nº 42 do Concílio Vaticano II.

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II: *Instrução Partir de Cristo*, nº 1.- Roma, maio 2002.

<sup>3</sup> MARIANO FACIO: *De Bento XV a Bento XVI. Edições Rial, Ano 2009, pág. 175*. Este sacerdote é professor de História das Doutrinas Políticas na Faculdade de Comunicação Social Institucional da Pontifícia Universidade da Santa Cruz em Roma.

<sup>4</sup> PAULO VI, Exortação apostólica *Gaudete in Domino* (9 maio de 1975), nº 22: AAS 67 (1975), 297.

<sup>5</sup> S.V. Conf. às Filhas da Caridade sobre a Perfeição necessária às Irmãs das Paróquias de 24 de agosto de 1659.

<sup>6</sup> *Evangelli Gaudium*

<sup>7</sup> cf. Correspondência e Escritos, Irmã Charpy: “*Pensamentos sobre a Encarnação e a Eucaristia*” (E. 67), pág. 897.

<sup>8</sup> *Decreto Perfectae Caritatis* do Concílio Vaticano II, nº 2.

<sup>9</sup> Conferência do Papa Francisco: *Despertar o mundo! À União dos Superiores gerais religiosos (3.I.2014)*

<sup>10</sup> *Vita Consecrata*, nº 46; Cf. *Christifideles laici*, 31-32.

<sup>11</sup> S.V Conf. de 28 de novembro de 1649, Sobre o amor ao trabalho, pág. 326

**PADRE R. GOMEZ, CM**

**O SERVIÇO DOS POBRES**

## COM “ESPÍRITO” E EM COMUNIDADE

### Introdução : o que significa o título de nossa reflexão?

*O Serviço dos pobres com o ‘Espírito’ e em Comunidade!* O título dado a esta conversa que teremos foi inspirado no Papa Francisco! Na verdade, em sua exortação ‘*A alegria do Evangelho*’<sup>1</sup> (*Evangelii Gaudium*), o capítulo cinco contém um título surpreendente “*Evangelizadores com Espírito*”<sup>2</sup>. O Papa se explica no número 261:

*“Quando se diz de uma realidade que tem “espírito”, indica-se habitualmente uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária. Uma evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos. Como gostaria de encontrar palavras para encorajar um período evangelizador mais ardoroso, alegre, generoso, ousado, cheio de amor até ao fim e feito de vida contagiante! Mas sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito”* (nº 261).

O que disse o papa sobre a evangelização, podemos dizer igualmente sobre a nossa vida de serviço, sobre o nosso apostolado. Servir os pobres com ‘Espírito’ significa para nós, servir com amor, entusiasmo, com outros e animados, com um fervor renovado porque arde em nossos corações o fogo do Espírito do ressuscitado. Vamos refletir juntos sobre a vida apostólica de uma Filha da Caridade; mas a própria vida apostólica vivida muitas vezes de maneira individualista, sem um profundo espírito de fé, sem uma vida espiritual intensa, pode se tornar fonte de desequilíbrio e impedir nosso crescimento pessoal, espiritual e humano. Nossa missão não deveria fazer-nos mergulhar no ativismo, no esgotamento, na angústia e no cansaço, ou ainda na busca de nós -mesmas e do bem-estar pessoal, mas nos fazer buscar a glória de Deus<sup>3</sup>. Mestre Eckhart (1260-1328), gostava muito de dizer: um místico dominicano do século treze,

*“As pessoas não precisariam refletir tanto sobre o que devem fazer, deveriam, antes, pensar no que devem ser. Se alguém é bom, também boas serão suas obras e conformes a sua natureza, suas obras, poderiam refletir uma viva claridade. Se tu és justo, tuas obras também o são. Não penses em colocar tua salvação em um agir; é sobre um ser que ela deve ser colocada. Pois as obras não nos santificam; nós é que santificamos as obras. E ainda que se trate das mais piedosas obras, elas não nos santificam de forma alguma porque nós a realizamos: mas na medida que temos o ser e a essência, santificamos nosso agir, quer seja comer, dormir, velar ou qualquer outra coisa”*<sup>4</sup>.

Podemos destacar três ideias:

1 - Não temos que nos preocupar particularmente com o que devemos fazer, mas com o que devemos ser;

2 - Não seremos salvos pelo que fazemos, mas pelo que somos;

3 - A vida apostólica é para nós muito mais do que os diversos apostolados que realizamos. “A Vida apostólica é um modo de vida!”<sup>5</sup>

O desafio é o mesmo para nós atualmente : como encontrar um novo elã missionário, segundo a proposta da próxima assembleia geral? Como encontrar um equilíbrio fecundo entre nossa vida apostólica, nossa vida espiritual e nossa vida comunitária? Vocês sabem bem, não se tratam de três vidas paralelas, mas de três dimensões ou aspectos que estão a serviço da nossa doação, da nossa vocação, da nossa oferta de nós mesmas ao Senhor para “a glória de Deus e a salvação do mundo”.

## A vida Apostólica de uma Filha da Caridade, hoje:

O serviço do Cristo nos pobres é a atividade essencial de uma Filha da Caridade onde quer que ela esteja. Dito isto, e como acabamos de evocar, esta vida de serviço não pode estar separada dos dois outros componentes essenciais da sua vida de consagrada no seguimento de Cristo a exemplo de Vicente de Paulo: fazemos referência à vida espiritual e à vida comunitária. As Constituições dedicam o primeiro capítulo à Vocação e missão da Companhia” cujo resumo  : *“Doadas a Deus, em Comunidade, para o serviço do Cristo nos pobres, com um espírito evangélico”*<sup>6</sup>.

Vejam os atentamente os diferentes elementos, os mais importantes: o primeiro componente de sua Voca o e Missão   a doa o *de si mesmo a Deus*. Na realidade, não existe vida consagrada sem uma vontade e uma inten o de oferecer-se a Deus. O segundo componente faz referência   vida comunitária,   *experiência eclesial e comunitária* porque uma Filha da Caridade não pode estar sozinha. A terceira, afirma duas coisas: primeiro, que o serviço dos pobres não pode estar separado de um *olhar de fé*; assim servir os pobres   também servir Jesus Cristo. Depois, *o serviço corporal e espiritual dos pobres, a exemplo do Cristo*, constitui o carisma específico das Filhas da Caridade (cf. Mt 25,40). O último componente indica a maneira evangélica de se doar, de viver e servir.   *  maneira de Jesus, como Ele*, que cada uma   chamada a viver a missão com humildade, simplicidade e caridade.

Há alguns anos vocês bateram na porta das Filhas da Caridade; estão lembradas do desejo que, naquela época, ardia nos seus cora o es? Não esqueçam nunca que vocês deixaram tudo com um profundo desejo de se doar a Deus com outras, na Companhia que tem por finalidade o serviço de Cristo nos pobres; isto para encontrar a unidade do seu ser na finalidade evangélica que lembrei há pouco. Convido-as a relembrar este ‘primeiro amor’, para fazer ou refazer, em torno destes três componentes, a unidade de sua vida: *“Doadas a Deus para o serviço de Cristo nos pobres, as Filhas da Caridade encontram a unidade de sua vida nesta finalidade”*<sup>7</sup>.

No entanto, como ser fiel no mundo atual (lá onde vocês estão) na sua voca o e missão? Como preservar o espírito evangélico que   a base de sua voca o? Nem sempre   fácil, não   mesmo? Como não ficar desanimado, não perder o dinamismo e a generosidade que existe em sua vida apostólica, em nosso contexto atual? Talvez algumas estejam atualmente desanimadas ou em crise como se costuma dizer! Quantas estão sofrendo de uma espécie de dilacera o entre a vida apostólica, a vida comunitária e a vida espiritual? Sem d vida, as condi o es de trabalho nas sociedades contemporâneas dividem e despeda am. Constatamos então, de maneira dolorosa que a vida moderna não favorece o equilíbrio que pede as Constitui o es. Queremos ser generosas com o Senhor e os pobres, mas pelas raz o es já mencionadas, o apostolado   muitas vezes, fonte de tensão, de problemas e de desânimos.

Na exorta o *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco descreve com precisão a tenta o da “indolência egoísta”<sup>8</sup> experimentada pelo povo de Deus, e talvez por nós mesmos. Sobre isso, convido-as a reler os números 81 e 82, dos quais citarei apenas uma parte.

*“O problema não está sempre no excesso de atividades, mas, sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motiva o es adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a a o e a torne desejável. Daí que as obriga o es cansem mais do que   razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata duma fadiga feliz, mas tensa, penosa, desagradável e, em definitivo, não assumida. Esta negligência pastoral pode ter origens diversas: alguns caem nela por sustentarem projetos irrealizáveis e não viverem de bom grado o que poderiam razoavelmente fazer; outros, por não aceitarem a custosa evolu o dos processos... outros, por se apegarem a alguns projetos ou a sonhos de sucesso cultivados pela sua vaidade; outros, por terem perdido o contacto real com o povo, numa despersonaliza o da pastoral que leva a prestar mais aten o   organiza o do que às pessoas...; outros ainda caem na negligência, por não saberem esperar e quererem dominar o ritmo da vida. A ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos faz com que os agentes*

*pastorais não tolerem facilmente o que signifique alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz" (nº 82).*

Cada uma pode encontrar-se neste texto e se perguntar por que a vida apostólica é, portanto, fonte de tristeza, de tensão e não de alegria evangélica ou de satisfação. No contexto da nossa reflexão, podemos rever a primeira frase: “ *O problema não está sempre no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável*”. Sim, a falta de uma espiritualidade realmente evangélica provoca a perda do entusiasmo e das motivações apostólicas. As consequências de uma tal realidade não permitem esperar:

*“...a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez... Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a realidade, com a Igreja (pela Congregação, nós diríamos) ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como ‘o mais precioso elixir do demônio’. Chamados para iluminar e comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico. Por tudo isto, permiti que insista: - conclui o Papa - :não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (nº83).*

O enfraquecimento da fé, a falta de espiritualidade que motive e impregne a ação, o fato de trabalhar muitas vezes sozinhas, podem manifestar dificuldades em nossa vida apostólica; o que você pensa sobre isto? Cada uma pode e deve fazer sua própria análise.

#### **A vida apostólica da maneira de Jesus:**

Falando do serviço dos pobres com “espírito” queremos indicar que as atividades ditas apostólicas ou nos apostolados devem ser vividas e consideradas à maneira de Cristo, segundo o Espírito do ressuscitado. Vocês sabem muito bem, Jesus teve uma via apostólica intensa! Nossa vida apostólica à maneira de Jesus é exigente e ao mesmo tempo simples. Então, vamos ao Evangelho! No Evangelho de São João, temos alguns versículos que podem ajudar-nos a dar novamente sentido e gosto às atividades apostólicas vividas em comunidade e com um espírito evangélico. Efetivamente, no quarto evangelho Jesus se apresenta como o enviado do Pai, Ele afirma:

*“Eu não faço nada por Mim mesmo...Aquele que me enviou está comigo; ele não me deixou sozinho, porque faço sempre o que é do seu agrado. Tendo proferido essas palavras, muitos creram nele” (Jo 8,28b-30).*

À luz desta afirmação, poderíamos dizer que não existe um momento na vida de Jesus em que ele não se sinta enviado pelo Pai e em comunhão com Ele. Ele é sempre e em toda parte seu missionário e estão em intimidade. Ele se reconhece sempre e em toda parte seu Filho, saído do seio do Pai (Jo 1,18). Após o diálogo com a Samaritana, Jesus confia aos seus discípulos: “*Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra*” (Jo 4,34). Fazer a vontade do Pai, realizar sua obra, é isto que faz Jesus existir. Na verdade, ele tem uma clara consciência de ser o Filho e o missionário do Pai: assim, sua missão e sua pessoa coincidem perfeitamente: “*todo acontecimento, todo encontro é vivido por Jesus à luz de sua relação com o Pai: a pessoa que ele encontra, a pecadora, a ocasião e mesmo a rejeição são considerados na perspectiva do Pai. Tudo isso, Jesus vive em um total abandono. Por isto ele representa aos nossos olhos o homem perfeito (G.S. nº 22)*”<sup>9</sup>, o apóstolo perfeito.

Os discípulos não compreenderam imediatamente o que acabamos de dizer. Somente após a elevação de Jesus na cruz e sua ressurreição, eles entraram no mistério total do Filho de Deus. Tal é a experiência dos discípulos de Emaús: “*não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?*” (Lc 24,32). Foi preciso que Jesus ressuscitasse dos mortos para que os olhos dos discípulos se abrissem e que eles percebessem que o enviado do Pai soube permanecer fiel até a cruz, que o Pai não o



abandonou ao poder da morte<sup>10</sup>. Ora, uma vez ressuscitado, Jesus volta-se para os seus discípulos amedrontados e lhes diz: “a paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós” (Jo 20,21). A vida apostólica aparece então, como participação na missão de Jesus! Aquele que é enviado, por sua vez envia. Na Bíblia, todo envio, toda missão vem de Deus! O enviado é dotado da mesma autoridade daquele que o envia, é por isso que por sua vez, Jesus envia seus discípulos.

A vida apostólica da qual falamos agora é uma expressão que vem da própria Bíblia e deve ser compreendida de maneira teológica. Na verdade “apostolado” (ἀποστολή, em grego) quer dizer missão ou autorização; “apostolado” é um derivado da palavra enviar, “*apostolein*” (ἀπόστολειν, em grego), e quer dizer enviado, mensageiro. Para nós, o risco que corremos é o de pensar que o apostolado consiste exclusivamente no “fazer”, na ação. No Novo Testamento, no entanto, os primeiros enviados, os apóstolos, primeiro foram escolhidos, eleitos, chamados, ou como diria São Paulo “predestinados”. Foi somente depois que eles aprenderam a ser discípulos que foram enviados (*pémpo* » πέμπω, em grego).

Também é importante compreender que, na qualidade de discípulos de Cristo, herdamos uma vocação celeste. É a carta aos Hebreus que afirma: “*Portanto, irmãos santos, participantes da vocação que vos destina à herança do céu, considerai o mensageiro e pontífice da fé que professamos, Jesus*”. Apóstolo e sumo-sacerdote quer dizer que ele é o “representante qualificado, seja de Deus junto aos homens, seja dos homens junto a Deus”<sup>11</sup>. Se Jesus ressuscitado envia seus discípulos como ele mesmo foi enviado, isto significa que toda missão, todo apostolado, toda vocação é vivida e compreendida em referência à pessoa do Cristo. De outra maneira o apostolado não produz o fruto e o mensageiro cai na “negligência apostólica”<sup>12</sup> como tão bem descreveu o Papa Francisco.

O capítulo 15 de São João conservou a imagem da videira e destaca o que acabamos de dizer: “*Eu sou a verdadeira videira e meu Pai é o agricultor. Todo o ramo que não dá fruto em Mim, o Pai corta-o. Os ramos, que dão frutos, poda-os para que deem mais frutos ainda...Permaneço em mim e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Assim também vós: não podeis tampouco dar fruto, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer*” (Jo 15, 1-2; 4-5).

Aqui está uma parábola da vida apostólica no seguimento do Cristo. Existe uma relação profunda entre os três personagens ou atores no texto: a videira, o agricultor e os ramos. A “**verdadeira videira**” é o Cristo encarnado (ἄμπελος, ampelos em grego - nome da vinha), portanto o termo grego designa o pé de videira, composto de cepa e de ramos; **o agricultor** é o Pai (γεωργός, georgos em grego), uma espécie de “jardineiro” que cuida da videira em geral, de cada videira em particular e de cada ramo; **os ramos**, finalmente são os discípulos ou as pessoas de fé em geral (κλήμα, klema em grego) que devem produzir frutos.

- O Cristo “a verdadeira videira” está em relação com o Pai e os ramos. Ele é único por quem foi plantado na terra e colocado em relação com os ramos. É através dele que a seiva corre até os ramos. A imagem da verdadeira videira expressa o fato de que Jesus é ao mesmo tempo inseparável do Pai e dos seus.

- “Meu Pai é o agricultor”: esta afirmação coloca o Cristo uma vez mais em relação com o Pai, pois ele diz: “Meu Pai”; qualificando Deus como agricultor, Jesus o torna proprietário da videira, afirmando assim sua dependência de Deus.

- É cuidando dos ramos que o agricultor favorece o crescimento da videira produtora de frutos. O agricultor retira o que é morto (com o objetivo de fazer reviver) e purifica, isto é torna-a apta à vida<sup>13</sup>. O ápice de toda a parábola é o fruto. É somente em vista de sua produção que a videira é cultivada e sabemos muito bem que os frutos não aparecem como mágica! É quando aparece o verbo “permanecer” (*ménein*, μένειν). Sua aparição é rica de sentido: ela significa que o fruto vem à medida que a pessoa de fé permanece fiel na relação que o Cristo estabeleceu com ele pelo dom de sua Palavra: “O discípulo não é convidado a

atingir um objetivo, mas de permanecer unido ao longo do tempo a uma relação que já existe e a vivê-la plenamente no presente da fé”<sup>14</sup>.

Observemos que existe uma espécie de imanência recíproca: “*Permanecei em mim e eu permanecerei em vós*”... Se o discípulo não permanece no Cristo, ele não pode produzir fruto. Acontece igualmente com os ramos, que não estão presos à videira, secam e morrem. Os ramos sozinhos são incapazes de produzir fruto! Finalmente, “o crente que pensa poder produzir fruto contando com suas próprias forças está condenado ao fracasso”<sup>15</sup>. A glória de Deus é que aquele que crê produza fruto, que ame, pois assim poderá experimentar a alegria: “Nisto é glorificado meu Pai, para que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos. Disse-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,8.11).

Bento XVI, refletindo sobre a primeira parte do capítulo quinze de João escreveu um parágrafo magistral que cito em continuação:

*“Purificação, fruto, permanecer, mandamento, amor, unidade — estas são as grandes palavras-chave deste drama do estar em e do estar com o Filho na videira, que o Senhor, nas suas palavras, coloca diante de nossa alma. Purificação: a Igreja precisa sempre mais, cada um de nós precisa de mais purificação. Os processos de purificação, tão dolorosos quanto necessários, percorrem toda a história, penetram a vida dos homens, que se doam a Cristo. Nestas purificações está sempre presente o mistério da morte e da ressurreição. A própria grandeza do homem, bem como das instituições, deve ser extirpada; o que se tornou demasiado grande deve ser reconduzido de novo à simplicidade e à pobreza do Senhor. Só através de semelhantes processos de morte é que a fecundidade permanece e se renova”*<sup>16</sup>.

O estudo desta parábola da videira nos permite compreender nossa vida apostólica em comunidade à maneira de Jesus com seus discípulos. Na vida de fé, na vida comunitária e na vida apostólica, a relação próxima e recíproca entre o enviado e aquele que o envia é promessa de fecundidade: “*sem mim nada podeis fazer*”. Perguntemo-nos se as dificuldades que experimentamos em nossa vida apostólica não obedecem ao fato que resistimos ao agricultor que quer nos podar, nos purificar para depois dar um novo crescimento? Purificação e fruto caminham juntos! Perguntemo-nos também sobre nossa capacidade de “permanecer unidas ao Senhor”, que os Padres da Igreja traduziram em latim por *perseverantia*. Soubemos manter pacientemente a comunhão com o Senhor em meio às vicissitudes da nossa missão? Aceitamos permanecer unidos ao Senhor e aos nossos irmãos? Sem o Senhor e sem os outros nossa vida apostólica cai em ruínas! O “novo elã missionário” depende de tudo isto.

### **São Vicente de Paulo e a confiança em Deus**

Um dia, nosso pai Vicente perguntou aos missionários: “*Quereis saber por que temos fracassado em algumas tarefas?* Sua resposta é clara e concisa: “*É porque nos apoiamos em nós mesmos*”<sup>17</sup>. Jesus provou sua total confiança em seu Pai: “*Eu não faço nada por mim mesmo... Aquele que Me enviou está comigo; Ele não me deixou sozinho, porque faço sempre o que é do seu agrado*” (Jo 8,28-29). Vicente de Paulo no seguimento do Cristo colocou em prática a Palavra do Senhor e a recomendou aos seus colaboradores:

*“Tenhamos confiança em Deus, senhores padres e irmãos, mas tenhamos-la inteira e perfeita, e com a certeza de que tendo começado a sua obra em nós, ele a completará, porque, eu lhes pergunto: quem fundou a Companhia? Quem nos destinou às missões, aos ordinandos, às conferências, aos retiros, etc..? Fui eu?. De modo nenhum. Foi o Padre Portail, que Deus uniu a mim neste princípio? De jeito nenhum, porque não pensávamos nisso e não tínhamos feito nenhum projeto. Quem, portanto, é seu autor? É Deus e sua paterna providência e sua pura bondade. Não passamos de míseros operários e pobres ignorantes; entre nós há poucos que sejam nobres, poderosos, sábios ou capazes de algo. Logo, foi Deus quem fez tudo isto e o fez através de pessoas que lhe pareciam convenientes, para que toda a glória lhe fosse dada. Confiemo-nos*

a Ele, pois se confiarmos nos homens ou se nos apoiarmos sobre alguma vantagem da natureza ou da fortuna, Deus se retirará de nós....

*Quereis saber por que não temos êxito em alguma tarefa? É porque nos apoiamos em nós mesmos. Este pregador, este superior, este confessor confia demasiadamente em sua prudência, em sua ciência em suas próprias ideias. Então, o que faz Deus? Ele se retira dele e o abandona, e ainda que trabalhe, tudo o que ele faz não produz nenhum fruto, para que ele reconheça sua inutilidade e aprenda por sua própria experiência que, por mais talento que tenha, ele nada pode fazer sem Deus”<sup>18</sup>.*

Queiram, por favor, me perdoar pela tão longa citação, mas pensei que vocês iriam gostar! Está claro que em nossa vida apostólica temos necessidade de Deus e dos outros. Vicente frequentemente insistia sobre a confiança em Deus e sobre o trabalho em equipe. Nada do que ele realizou foi de sua própria iniciativa e sozinho. O Padre Portail e Luísa de Marillac poderiam dar esse testemunho.

O Papa Francisco traça um caminho semelhante em sua exortação: *“Embora esta missão nos exija uma entrega generosa, seria um erro considerá-la como uma heroica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus. Jesus é “o primeiro e o maior evangelizador”. Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito.... Em toda a vida da Igreja, - e em particular no apostolado, segundo Vicente de Paulo, devemos - sempre manifestar que a iniciativa pertence a Deus, “porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4, 19) e é “só Deus que faz crescer” (1 Cor 3, 7). Esta convicção permite-nos manter a alegria no meio duma tarefa tão exigente e desafiadora que ocupa inteiramente a nossa vida. Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo”<sup>19</sup>.*

Que São Vicente e Santa Luísa que serviram os pobres a exemplo de Nosso Senhor, com outros e com um espírito evangélico, intercedam por nós! Desejo-lhes muita “audácia na caridade para um novo elã missionário”!

**Padre Roberto Gomez, c.m.**

Notas

<sup>1</sup> Publicado em 24 de janeiro de 2013, para a conclusão do ano da fé, na solenidade de Cristo Rei do Universo.

<sup>2</sup> Em Inglês: ‘*Spirit-Filled Evangelizers*’; em espanhol: ‘*Evangelizadores con Espiritu*’, em italiano: ‘*Evangelizzatori con Spirito*’. Em todas as línguas o espírito está com letra maiúscula.

<sup>3</sup> A Alegria do Evangelho, n° 93.

<sup>4</sup> Instrução Espiritual, Citações de Maître Eckhart ; cf. dicocitations.com

<sup>5</sup> Citamos o antigo mestre dos Dominicanos Timothy Radcliffe, *Je vous appelle mes amis*, Paris, La Croix/Cerf, 2000, pág. 2005s (sobre a vida apostólica).

<sup>6</sup> Constituições das Filhas da Caridade, n° 7-13.

<sup>7</sup> Constituições das Filhas da Caridade, n° 16a.

<sup>8</sup> “A **acédia** é um dos sete pecados capitais que se expressa pelo tédio; falta de esmero pela oração, pela penitência, pela leitura espiritual e pela atividade apostólica. A acédia pode ser uma provação passageira, mas também pode ser um estado da alma que se torna uma verdadeira indolência espiritual e fechada em si mesma. Então, trata-se de uma doença espiritual” (Cf. Wikipédia em francês). Alguns sintomas: falta de gosto, tristeza espiritual, preguiça, perda de fé quando a dúvida prevalece sobre esta; desleixo, negligência das práticas religiosas do serviço ao próximo... Finalmente é uma espécie de melancolia, de desânimo geral, uma depressão devido ao desleixo espiritual (Cf. Mt 13,24 o joio e o trigo).

<sup>9</sup> Paolo Martinelli, OFMCap, “*La personne consacrée de vie apostolique: une réflexion théologique*”.

União Internacional dos Superiores gerais: [www.vidimusdominum.org](http://www.vidimusdominum.org)

<sup>10</sup> A cruz não é o fim, mas o reinício, cf. Bento XVI, *Jesus de Nazaré I*, Ed. Planeta do Brasil, 2007, pág. 285.

<sup>11</sup> Cf. Nota da Bíblia TEB.

<sup>12</sup> *Evangelii Gaudium*, n° 81 e 82.

<sup>13</sup> Retirar e purificar, airo e katairo, (αἶρω – καθαίρω em grego). No texto grego existe um jogo de palavras impossível de traduzir em nossa língua moderna

<sup>14</sup> Jean Zumstein, *O Evangelho segundo João (13-21)*, Genève, Labor et Fides, 2007, pág. 100.

<sup>15</sup> Idem, pág. 101.

<sup>16</sup> Bento XVI, *Jesus de Nazaré I*, Ed. Planeta do Brasil, 2007, pág. 226.

<sup>17</sup> Extrato da Conferência sobre a Confiança em Deus, Coste XI, pág. 38.

<sup>18</sup> Idem, pág. 38-39.

<sup>19</sup> A Alegria do Evangelho, n° 12; cf. também Evangelli Nuntiandi do Papa Paulo VI, n° 07

IRMÃ L. SULLIVAN, FC

## **INTRODUÇÃO AOS ESCRITOS ESPIRITUAIS DE LUÍSA DE MARILLAC**

É um prazer estar aqui e partilhar com vocês sobre os *Escritos Espirituais de Luísa de Marillac*. No entanto, se realmente queremos conhecê-la, fazer dela um modelo, uma formadora e uma amiga para cada uma de nós, Filhas da Caridade, temos que deixá-la falar por si mesma. Ela faz isso, claramente, em suas cartas e, ainda que algumas vezes de uma maneira mais complexa, em seus escritos. Espero que nestes dois dias juntas, possamos participar de uma jornada de descoberta que nos conduzirá a um relacionamento pessoal para toda a vida com Luísa. Eu posso apenas prometer que o esforço vale a pena.

Vivemos numa época em que escrever se tornar uma arte perdida. Até e-mail, que de alguma maneira imita a correspondência, está desaparecendo diante das mensagens de texto, do Facebook, do Twitter. Pensem sobre isso por um momento, Irmãs, se Luísa de Marillac tivesse enviado mensagem de texto ou mesmo e-mails para as primeiras Irmãs e elas, depois de terem respondido, realizado seu pedido ou seguido seu conselho, tivessem, simplesmente apertado apagar e prosseguido com suas vidas e seu serviço, nós nunca conheceríamos, de verdade, nossa Fundadora ou quem somos chamadas a ser como Filhas da Caridade.

Uma das últimas Irmãs do Seminário, da Província de Santa Luísa nos EUA, Irmã Amanda Kern, manteve um blog no site da Família Vicentina, famvin.org, quando era postulante. Em um de seus textos diz: “*Escrever Cartas: uma pastoral das palavras há muito perdida*”. Ela discute porque, em seu ponto de vista, as cartas dentre todos os meios de comunicação social, têm um poder particular de tocar mentes e corações. Ela diz: “*Em cada frase que eu escrevo, eu penso mais sobre a pessoa e, conseqüentemente, rezo por ela. Isso faz com que eu sinta uma conexão espiritual com ela, apesar da distância. Minha carta, na verdade, se torna uma forma de oração. É a minha maneira de mostrar o amor de Deus. Eu a envio na esperança de que ela provoque um sorriso no rosto de alguém e a faça saber que existe alguém que se importa com ela, a ponto de consolá-la, parabenizá-la, encorajá-la ou simplesmente para dizer-lhe olá a quilômetros de distância. E quando alguém se importa com uma outra pessoa, é sinal de que Deus se importa com ela. Escrever cartas me permite ser uma Filha da Caridade a quilômetros de distância*<sup>1</sup>. No começo ela fala sobre Dorothy Day, Fundadora do Movimento Operário Católico, que foi uma escritora de cartas muito produtiva e cujas cartas ela tinha lido. Irmã Amanda cita a Senhorita Day com relação à pastoral de escrever cartas “*Escrever cartas é um ato de comunidade... É parte de nossa associação humana uns com os outros. É uma expressão do nosso amor e preocupação uns com os outros*”.<sup>2</sup>

Quando você dedicar um tempo nestes dias para ler de maneira orante e reflexiva as cartas de Luísa a uma determinada Irmã ou a um grupo de Irmãs, eu as convido a terem em mente os pensamentos de Irmã Amanda sobre escrever uma carta. As cartas de Luísa são uma rica fonte da

história de nossa comunidade. Nelas, descobrimos como a “Pequena Companhia” se desenvolveu a partir de um pequeno grupo de 5 ou 6 Irmãs, que se reuniram na casa de Luísa em 29 de novembro de 1633, para algumas 250 Irmãs e 67 casas na época de sua morte em 1660. Cada novo serviço tem sua própria história revelada de uma maneira muito pessoal nas cartas de Luísa às Irmãs.

Além de procurar as nuances, porém, há alguns outros fatores essenciais para se ter em mente quando lemos as cartas de Luísa. Temos com a sua correspondência uma vantagem que não temos com a de Vicente. Certamente, temos muito mais cartas de Vicente que nos dão uma ideia dos seus pontos de vista sobre uma grande variedade de temas. No entanto, ele escreveu para uma ampla gama de pessoas que têm pouca relação com a Companhia ou com o serviço dos pobres. Por outro lado, as cartas de Luísa lidam quase exclusivamente com a comunidade nascente e as Irmãs. Ela escreve a Vicente, ao Abade de Vaux que era o Vigário Geral da Diocese de Angers e assumiu o papel de Diretor das Irmãs na ausência dos Padres da Missão; ao Padre Portail que foi o primeiro Diretor Geral da Companhia; e para algumas Senhoras da Caridade que contribuíram com o estabelecimento dos trabalhos da Companhia. Excetuando uma carta para seu filho Miguel; uma para o Chanceler Séguier, para interceder a favor das crianças abandonadas, e uma outra para uma certa “Madame” que revela Luísa como diretora espiritual de mulheres leigas, todas as suas cartas são para as Irmãs.

A partir destas cartas, que constituem a maioria dos escritos de Luísa, nós a conhecemos e também as Irmãs com suas personalidades individuais, suas alegrias e sofrimentos, seus sucessos e suas lutas, sua vida juntas, seu relacionamento com as Senhoras da Caridade, os Padres das Paróquias, os doutores e administradores dos hospitais e os pobres que elas serviam. Está tudo lá para nós não como um relato histórico, por mais bem pesquisado e escrito que possa estar, mas como uma maneira de entrar em relação com essas mulheres, essas Filhas da Caridade pioneiras que nos precederam no serviço dos necessitados e em cujos ombros agora nos apoiamos: Bárbara e Cecília Angiboust, Francisca Carcireux, Ana Hardemont, Laurence Dubois, Joana Lepintre, Juliana Loret, Elisabete Turgis e muitas outras. Estas são nossas ancestrais que como Vicente disse de Margarida Naseau “mostraram-nos o caminho”<sup>3</sup>. Estas são as Filhas da Caridade às quais Luísa escreveu para confortar e confrontar, para encorajar e desafiar e, sempre, mostrar seu profundo respeito e amor por cada uma delas e assim, não importava quão ocupada ou longe ela estivesse, elas estavam em seus pensamentos e orações e ela se importava.

No final dos anos 80 e no começo dos anos 90, quando eu estava terminando a tradução para o inglês dos escritos de Luísa, os alunos ajudavam no trabalho digitando os manuscritos, no Laboratório de Língua Estrangeira da Universidade de Niágara onde eu era professora. Eu tinha falado de Vicente e de Luísa como parte de um curso de cultura da França do século XVII, mas os alunos, basicamente, passaram a conhecê-la ao transcreverem suas cartas em ordem cronológica. Um dia, retornei de uma aula para o escritório e Heather, uma das alunas, estava digitando. Ela me olhou, apontou para o texto e disse “Sabe de uma coisa, Irmã, ela é uma senhora legal”. Heather, uma destas gestantes que tinha engravidado fora do casamento, era do Brooklyn, em Nova Iorque, e aos 22 anos, já tinha visto de tudo e se impressionava com muito pouco, por isso, vindo dela era um grande elogio. Eu lhe perguntei “Por que você pensa assim?” Eu nunca esqueci sua resposta, ela disse: *“Ela é pessoa mais carinhosa que eu já conheci. Quando ela escreve para as Irmãs, ela não apenas se preocupa com a qualidade do seu serviço, apesar de estimulá-las a fazerem o melhor. Ela não se importa apenas em quão santas elas são, apesar de convidá-las a serem. Ela se*

*preocupa com elas; quem elas são e como estão. Onde no mundo ela encontra tempo para saber como suas famílias estão e para escrever-lhes sobre elas?”*

Quando lermos e refletirmos sobre estas cartas, descobriremos muito da personalidade da Luísa. O tom e o conteúdo de suas cartas, no entanto, variam de acordo com seu propósito. Lembrem-se de que quando as Irmãs foram para fora de Paris, as cartas eram o único meio de comunicação. E esta era uma jovem comunidade, jovem em termos de existência e em termos de membros.

As Irmãs foram para assumir o cuidado de enfermagem no Hospital São João Evangelista, em Angers, em novembro de 1639, apenas seis anos após a fundação da Companhia. Estas jovens mulheres precisavam de formação: de formação humana, já que poucas sabiam ler ou escrever; de formação profissional, já que elas precisavam aprender a cuidar dos doentes em suas casas e, mais tarde, nos hospitais e também a ensinar às meninas pobres; e de formação espiritual, já que elas estavam consagrando suas vidas a Deus para servi-lo nos pobres enquanto viviam juntas em comunidade. Luísa de Marillac era a principal responsável por isso. Isso de maneira alguma minimiza a importância de Vicente de Paulo nesta obra.

Contudo, assim como o volume e a amplitude de sua correspondência indica um vasto número de pessoas com as quais ele estava lidando, elas também mostram as situações diversas que exigiam sua atenção. As conferências de Vicente para as Irmãs tinham um papel vital na fundação da comunidade nascente. Luísa lhes dava um alto valor, sugerindo temas e transcrevendo-as para nós. Entretanto, há apenas 110 delas, muitas das quais foram escritas durante os últimos dez anos de sua vida e foram uma explicação da regra. Embora, certamente, tenha havido outras conferências, que por uma razão ou outra, não foram preservadas, a formação das primeiras Irmãs foi desenvolvida, em grande parte, por Luísa apesar dela certamente conferir de perto com Vicente todas as questões importantes. O relacionamento mudou de Diretor/Dirigida para o de colaboração e amizade que transformou o serviço dos necessitados na França do século XVII.

Por volta 1636, na casa de Luísa na rua Saint-Vitor, na Paróquia de Saint-Nicolas-du-Chardonnet, que tinha ficado pequena até para cinco ou seis Irmãs, estava superlotada com o crescente número de jovens que queriam unir-se a elas. Foi então que a Casa Mãe da pequena comunidade foi transferida para a aldeia de La Chapelle, fora dos muros da cidade. Hoje, ela faz parte do 18º distrito e há um pequeno jardim, Praça Luísa de Marillac, marcando o lugar onde a casa das Irmãs estava localizada. Em 1641, a Casa Mãe foi mais uma vez transferida, desta vez para o distrito de Saint-Denis, hoje o 10º distrito. Foi estabelecida na Paróquia de Saint-Laurent e bem em frente a São Lázaro. As Irmãs permaneceriam ali até a Revolução Francesa e a supressão da Companhia, em 1793. Este é o lugar onde a jovem comunidade começou a tomar forma.

O governo foi organizado e as regras definidas; havia uma Superiora e um Conselho; um seminário com uma Diretora; havia também uma enfermaria para as Irmãs doentes e idosas; um programa de formação para preparar as Irmãs para sua missão e uma escola para meninas pobres. A espiritualidade vicentina, articulando a vida de oração e o serviço a Jesus Crucificado na pessoa dos Pobres, foi definida. Esta espiritualidade está expressa no selo da Companhia, feito e utilizado por Luísa em 1643 para selar as cartas. Nós o conhecemos muito bem, trata-se de um coração em chamas, com a figura de Jesus Crucificado rodeada pelo lema, com a modificação feita por Luísa

das palavras de São Paulo, “*A Caridade de Jesus crucificado nos impele*”. É justo que este selo seja usado nas cartas de Luísa às Irmãs na medida em que ela se torna a Formadora das Filhas da Caridade à distância.

Quando observamos os primeiros anos da Companhia, é possível não compreender totalmente o quão notável foi este feito. Fazia apenas dez anos que as Irmãs tinham se reunido; somente vinte anos que a desesperada jovem esposa e mãe tinha feito a experiência de Pentecostes que prefigurou este acontecimento. A Companhia está desenvolvendo uma nova maneira de vida consagrada para as mulheres dentro da Igreja e nem Vicente e nem Luísa tinham um modelo para ela. A nossa forma de vida consagrada e que é normal hoje, não existia até o alvorecer do século XVII. Francisco de Sales e Joana Francisca de Chantal tentaram, mas falharam. Vicente estava bem consciente disso desde que tinha substituído Francisco de Sales como Superior da Visitação, depois de sua morte. Portanto, não havia nenhum modelo para esta vida que pediu uma mistura de contemplação e serviço ativo fora do claustro.

No entanto, talvez ainda mais extraordinário seja o fato de que Luísa de Marillac, apoiada por Vicente de Paulo, tenha sido chamada por Deus para realizar isso. Quão improvável foi isso? Pensem sobre isso por um momento. Luísa de Marillac cresceu no Mosteiro Real de São Luís, em Poissy. Ela estava impregnada da espiritualidade dominicana. Ela gostava da oração litúrgica. Ela estava feliz lá. Ela não saiu de lá porque quis, mas sim porque a família Marillac a retirou. Aos quinze anos, ela não queria nada mais do que entrar para a clausura e não apenas qualquer clausura, mas para as Capuchinhas, uma ordem penitencial muito austera.

Em 1997, eu estava na Casa Provincial das Filhas da Caridade, em Friburgo, na Suíça. Na manhã de minha partida, fui à missa no mosteiro capuchinho logo depois da montanha onde fica a Casa Provincial. Éramos apenas duas, uma outra mulher e eu. O padre estava de costas para nós e de frente para as grades. As freiras cantavam lindamente e, quando chegou a hora de receber a Sagrada Comunhão eu contei, aproximadamente, trinta delas se aproximando das grades abertas. Eu admito, estava muito distraída. Fiquei pensando em Luísa. O que teria acontecido se o Pe. Henri de Champigny, Provincial das Capuchinhas, não tivesse recusado sua admissão? Ele teria dito: “Deus tem outros desígnios para você?” Nós estaríamos hoje aqui? Quem sabe? E Luísa? Ela teria se tornado uma santa se a libertadora orientação de Vicente de Paulo não tivesse aberto seu coração à ação do Espírito nela, fazendo apelo a todo seu potencial na ordem da natureza e da graça? Luísa parece refletir sobre tudo isso na conferência que temos dela às Irmãs, “Sobre a Prática do Puro Amor”.

*“Amemos, pois, o Amor e chegaremos a conceber o que é sua duração que não depende de maneira alguma de nós, e, para isso, tenhamos sempre na memória a lembrança de todas as ações de nosso Amado para imitá-lo: não contente com o amor geral de todas as almas chamadas, quer ter algumas prediletas, elevadas pela pureza de seu Amor. Meu Senhor, recebi não sei que nova luz acerca de um amor não comum que desejais das pessoas que escolhestes para exercerem, na terra, a pureza de vosso Amor. Aqui tendes um pequenino rebanho; poderemos pretender esse amor? Parece-me que temos tal desejo no coração”<sup>4</sup>.*

Fica claro nesta passagem, que está na seção dos Escritos do livro *Correspondência e Escritos Espirituais de Luísa*, que ela “ousa” chamar estas camponesas, em sua maioria sem instrução, a uma espiritualidade profunda, à contemplação. Isto era parte da vida religiosa da qual as

primeiras Irmãs estavam excluídas por causa de sua classe social. E o convite é ainda mais desafiador porque esta contemplação é para ser unida ao dom total de si mesma a serviço de Jesus Cristo na pessoa de todos aqueles que sofrem. Assim como Vicente em suas conferências e em algumas cartas a determinadas Irmãs reforça esta particular característica da vocação das Filhas da Caridade, assim, Luísa apoiará e fortalecerá as Irmãs através de suas cartas na medida em que elas lutam para atingir o equilíbrio necessário entre oração e serviço em meio aos desafios de sua vida cotidiana.

O que aprendemos sobre Luísa a partir de suas cartas? Antes de tentar responder a isso, deixem-me destacar um outro ponto importante. As cartas que temos são aquelas que os destinatários escolheram guardar e dar para a Companhia. Igualmente, algumas Irmãs viveram muito perto de Luísa, então há menos cartas. Não havia necessidade. A mesma coisa pode ser dita, eu acrescento, com relação às cartas de Luísa para Vicente. A falta de correspondência num determinado período pode ser, simplesmente, devido ao fato de a Casa Mãe estar do outro lado da rua de São Lázaro e nada mais do que isso.

Eu vou oferecer, aqui, alguns comentários gerais sobre Luísa e sua correspondência com certas Irmãs. O essencial consiste em colocarmo-nos no lugar da destinatária da carta para ver o que ela nos diz, assim como, o que podemos aprender sobre Luísa, a Irmã, o serviço e a Companhia. Descobriremos que algumas cartas vão nos tocar ou nos falar de maneira diferente, às vezes, em função do momento por que estamos passando em nossa vida quando as lermos.

Para mim, uma das bênçãos deste tipo de apresentação é perceber o poder das palavras de Luísa que nos tocam independentemente de nossa formação, país de origem ou serviço. Certamente, nós não cuidamos dos doentes no século XXI da mesma maneira que as Irmãs faziam no século XVII, mas há constantes neste serviço: a maneira como ele é realizado, o respeito pelo paciente, a relação com médicos não mudou e os conselhos de Luísa são válidos agora como eram séculos atrás. E viver juntas, na caridade e união, tem as mesmas alegrias e os mesmos desafios que existiam na época das primeiras Irmãs. Os lembretes de Luísa sobre a necessidade constante de suporte mútuo ressoam onde quer que duas ou três de nós vivam juntas.

### **Agora, olhemos juntas, brevemente algumas cartas de Luísa às Irmãs.**

Começarei com **Bárbara Angiboust** porque temos várias cartas de Luísa para ela e, o mais importante para nós, ela as guardou. Bárbara entrou na comunidade em 1º de julho de 1634, bem no começo da história da Companhia. Ela estava na primeira Conferência de Vicente às Irmãs. Ela veio de uma família de agricultores bem prósperos e sabia ler e escrever. Ela e Luísa se tornaram boas amigas e Luísa sabia que podia confiar nos consideráveis dons de Bárbara para ser uma sólida “pedra fundamental” em várias casas. Bárbara tinha uma personalidade forte e também capacidade de liderança e administrativa. Originária da Normandia, ela era também muito independente. Bárbara sabia disso e, algumas vezes, assinava suas cartas como “Bárbara, a orgulhosa”. Embora Luísa apreciasse os talentos de Bárbara e seu amor pela Companhia e pelos Pobres, ela também a adverte quando via que era preciso. Ela valorizava sua iniciativa ao mesmo tempo em que lhe lembrava que a autoridade central estava em Paris, com Pe. Vicente, seu Conselho e ela mesma. E, claro, há a carta 15 “Às Irmãs Bárbara Angiboust e Luísa Ganset”, em Richelieu, de 26 de outubro de 1639, que, ainda hoje, é um modelo para resolução de conflito para a Família Vicentina. Leiam-



na; reflitam sobre ela e tenho certeza de que terão a oportunidade de usá-la em suas vidas ou na relação com outros.

Temos uma dívida de gratidão com Bárbara, não apenas por guardar as cartas que ela recebeu de Luísa, mas também por encorajar sua irmã mais nova, **Cecília**, a fazer o mesmo. O tom das cartas de Luísa à Cecília é diferente das cartas enviadas à Bárbara. Uma das minhas amigas, Filha da Caridade, que editou a tradução das *Correspondências e Escritos* comigo, costumava dizer “Pobre, Cecília! Bárbara abre um hospital e depois informa a Luísa e é avisada que deve, da próxima vez, falar primeiro com Pe. Vicente, enquanto Cecília recebe orientações sobre todos os aspectos de sua vida e serviço”. Minha amiga estava certa, mas a situação de Cecília era muito diferente da de Bárbara. Cecília era uma Irmã Servente nova e jovem no hospital de Angers. Ela foi nomeada em 1648.

O papel da Irmã Servente ainda estava sendo desenvolvido. No começo, as Irmãs viviam na casa de Luísa e iam durante o dia para as paróquias para onde tinham sido designadas para trabalhar com as Confrarias da Caridade, mas retornavam toda noite. Isso mudou quando a Casa Mãe foi transferida para La Chapelle e as Irmãs começaram a morar onde serviam. Assim, a figura da Superiora local foi estabelecida, mas as diretrizes para autoridade ainda não estavam claras. Lembrem-se também de que elas eram, em sua maioria, camponesas francesas e o individualismo e a independência estavam em seus genes. Consequentemente, a responsabilidade da Irmã Servente precisava ser clarificada, Irmã Servente e Irmãs. A questão não era apenas a juventude e a inexperiência de Cecília, mas também a natureza do serviço, um hospital; o envolvimento direto com os funcionários municipais com os quais Luísa de Marillac tinha negociado o contrato para as Irmãs assumirem a direção de enfermagem; a colaboração com os médicos; uma comunidade local de Irmãs desafiadora e, com tudo isso, a distância. Hoje, vocês podem chegar a Angers num trem de alta velocidade em uma hora e dez minutos. Para chegarem lá, Luísa e as Irmãs designadas levaram três semanas de coche e barco. Quando elas chegaram, Luísa estava doente, então, era uma viagem que ela não poderia fazer novamente. Em suas cartas para Cecília e às Irmãs da Casa, que também foram preservadas, temos um manual sobre a Irmã Servente e o lugar de cada Irmã e do grupo como um todo a fim de viverem juntas este relacionamento.

Um ano atrás, pediram-me uma conferência sobre Luísa para um encontro de Irmãs Serventes. Para isso, escolhi usar as cartas de Luísa à Cecília. Mais tarde, soube que as Irmãs Serventes receberiam o atualizado *Guia para as Irmãs Serventes* e fiquei feliz em descobrir tantas citações das cartas de Luísa para Cecília nas introduções dos vários capítulos do novo Guia. Se vocês forem nomeadas Irmãs Serventes ou se quiserem refletir sobre o seu próprio relacionamento com sua Irmã Servente, as cartas para Cecília oferecem muito sobre o que refletir.

**Irmã Joana Lepintre** é outra das primeiras Filhas da Caridade (ela entrou na Companhia em 1638) que também preservou as cartas de Luísa para ela. Foi uma mulher capaz a quem Luísa colocou em posições de responsabilidade, entre as quais a de “Visitadora”, já que ela “visitava” as casas em nome de Luísa. Isso foi antes de existir províncias na Companhia. Na medida em que os anos passaram, contudo, ela começou a dar sinais de doença mental. A bondade, paciência, gentileza e cuidado de Luísa durante tudo isso é emocionante visto que ela e Vicente estiveram sempre ao lado desta mulher perturbada, que morreu numa instituição para doentes mentais.

Eu mencionarei apenas mais uma Irmã aqui: **Francisca Carcireux**. Parece existir um laço de amizade entre Luísa e Francisca. Há uma carta que eu recomendo que vocês leiam inteira. Ela tem a data de 1656 (C.549) e é um exemplo de Luísa, Diretora Espiritual. Ela aconselha Francisca sobre sua aproximação da vida espiritual e faz eco ao conselho de Vicente para ela mesma durante aqueles primeiros anos. Ela admite isto dizendo a Francisca “Digo-vos o que a mim me falaram, em tempos atrás”<sup>5</sup>. Porque ela sabe que deve continuar seguindo seu próprio conselho, Luísa prossegue dizendo “Rogo-vos, querida Irmã, ajudar-me com vossas orações como vos farei com as minhas para que possamos alcançar de Deus a graça de caminhar pelas vias de seu santo amor, sem complicações...”<sup>6</sup>.

Antes de deixar Francisca, porém, há uma outra carta que é uma daquelas que me levam a comparar a leitura e reflexão dos Escritos de Luísa à escavação de diamantes. Neste processo, muito carbono é desenterrado para se extrair diamantes. Quando lemos Luísa, descobrimos como embalar peras, qual tecido comprar, numa palavra, todos os detalhes da vida cotidiana. Mas os correios eram difíceis e não confiáveis por isso, quando um modo seguro foi encontrado (a prática, consagrada pelo tempo, da Filha da Caridade confiar cartas para Irmãs que iriam ao encontro do destinatário), o cotidiano, muitas vezes, pode quase esconder as joias da sabedoria. Eu concluirei com uma citação desse gênero de carta, onde a reflexão sobre os votos anuais se encontra no meio de palavras sobre tecido e maçãs. Luísa escreve: “*Quanto ao vosso desejo (de fazer votos perpétuos), é muito louvável porque não basta começar bem, é preciso perseverar como acredito ser vosso propósito. Entretanto, nisto deveis submeter-vos às disposições de vossos Superiores que, por fortes razões, ordenam seja feita esta oferenda só por um ano e renová-lo anualmente. Não achais, queridas Irmãs, que isso será muito agradável a Nosso Senhor, pois que, recobrando no fim de um ano vossa liberdade, podeis de novo oferecê-la em sacrifício? Por isso, queridas Irmãs, eu vos aconselho que se estiverdes nessa boa disposição, não espereis mais, porque é conveniente nada perder...*”<sup>7</sup>.

Eu as convido, agora, Irmãs, a começar ou continuar a escavar em busca de suas próprias pedras preciosas. Deixem Luísa falar aos seus corações. Deixem-na ser sua Formadora, Mentora, Guia Espiritual e amiga à distância.

Irmã Louise SULLIVAN  
*Filha da Caridade*

Notas

<sup>1</sup> Amanda Kern, “Letter Writing: A Long Lost Ministry of the Words”, FAMVIN.org, 17 de setembro de 2012

<sup>2</sup> Dorothy Day citada por Amanda Kern em “Letter Writing: A Long Lost Ministry of the Words”, FAMVIN.org, 27 de setembro de 2012.

<sup>3</sup> Conf. de julho de 1642, “Sobre as Virtudes de Margarida Naseau”, pág. 50

<sup>4</sup> SL E.105, pág. 952.

<sup>5</sup> SL C. 549 “À Irmã Carcireux,” pág. 590.

<sup>6</sup> *Ibid.*

<sup>7</sup> SL C.354 “À Irmã Carlota e Irmã Francisca, pág. 392.

IRMÃ L. SULLIVAN, FC

**METODOLOGIA PARA LER  
OS ESCRITOS ESPIRITUAIS DE LUÍSA DE MARILLAC**

Examinamos juntas, o serviço epistolar de Luísa de Marillac que lhe permitiu ser a Formadora, mentora, guia espiritual e amiga das primeiras Irmãs à distância. Lendo suas cartas a algumas Irmãs em particular, tomamos consciência de como ela adaptou as palavras às necessidades, à situação, ao temperamento e à maturidade humana e espiritual e, também, à saúde física e mental de cada Irmã. Ela também revela que é bem consciente das dinâmicas do grupo no qual elas estão vivendo e os desafios de seu serviço. Mesmo com uma única Irmã, o tom e o papel de Luísa mudará. Algumas vezes, ela é a formadora, outras vezes a amiga. A conselheira é, frequentemente, também a guia espiritual. Algumas vezes, a Superiora é afetuosa e carinhosa. Outras vezes, ela pode ser rigorosa, mas carinhosa. Isto é, Luísa fala a partir do seu coração para suas companheiras e, se nós deixarmos, ela falará com cada uma de nós a partir do seu coração.

O tema que me foi pedido para tratar hoje é uma metodologia ou uma maneira de abordar a leitura das 665 cartas e dos 115 documentos reunidos sob o título de Escritos que temos no original, em francês, como *Écrits Spirituels* (Escritos Espirituais), publicados por Irmã Elisabeth Charpy, em 1983, e cuja tradução em inglês apareceu em 1991. Algum método é necessário, do contrário, ler Luísa, especialmente, em francês, pode ser assustador. O estilo de Vicente, tanto nas cartas quanto nas conferências, é simples e direto. Anos atrás, eu vivi durante 5 anos numa casa das Filhas da Caridade, na rua Odinot, aqui em Paris. Se vocês atravessarem o jardim da Casa Mãe e o Jardim Catarina Labouré, que costumava ser parte do jardim, vocês chegarão a essa casa. Naquela época, nós ainda tínhamos leitura em comum. Eu lembro que, em algumas ocasiões, quando estávamos cansadas, pedíamos à Irmã Marguerite Lalanne, a Irmã Servente, para ler as Conferências de São Vicente. Irmã Lalanne era de Toulouse, no sudeste da França, não muito longe de Dax e da terra natal de Vicente. Ela falava com o mesmo sotaque regional. Tudo que você tinha que fazer era fechar os seus olhos e ser transportada a três séculos atrás para escutar o próprio Fundador falando às primeiras Irmãs.

Apesar do afeto por Luísa, ninguém sugeriria tal coisa em relação a ela, ainda que tivéssemos uma Irmã na casa com o sotaque parisiense. O estilo de Luísa é literário e muito complexo. Ela mesma admite, e tenho que concordar com ela, que precisou “simplificar” o funcionamento de sua mente. Há dois pequenos livros adoráveis, publicados recentemente, chamados “Rezar 15 dias com Vicente de Paulo” e “Rezar 15 dias com Luísa de Marillac”. Elisabeth Charpy escreveu o de Luísa e lembro-me de conversar com ela quando ela estava trabalhando nele. Ela disse como era difícil encontrar uma citação curta e fácil de ler. Estas citações certamente existem, mas são difíceis de encontrar porque as frases de Luísa são muito longas. A versão em inglês é mais fácil de ler precisamente porque, embora permaneça fiel ao original, eu cortei as frases mais longas tornando-as mais curtas. Longos ou curtos, os escritos de Luísa, especialmente suas reflexões, são desafiadores. No entanto, apesar disso, a mulher brilha neles. Tendo dito isso, vamos, agora, nos voltar para algumas possíveis maneiras de conhecê-la melhor.

Antes de usar qualquer outro método, é importante para o leitor ter, no mínimo, um conhecimento geral das experiências de vida de Luísa. Para ela, assim como para Vicente, tudo está enraizado na vida, nos acontecimentos e nas suas experiências pessoais. Qualquer tentativa de definir seus pontos de vista e as obras que organizaram para o serviço dos pobres deve levar em consideração e aplicadas a ambos igualmente e aos seus empreendimentos, a afirmação frequentemente repetida com a qual Vicente concluiu sua carta de 5 de agosto de 1642 a Bernard Codoing “Tal é a minha convicção e tal é a minha experiência”<sup>1</sup>.

**O primeiro “método”, consiste em ler as cartas de Luísa para uma determinada Irmã, como Ana Hardemont ou para as Irmãs de uma comunidade local particular, as Irmãs de Angers.**

É um método que parece funcionar bem com um número grande de grupos diferentes: Filhas da Caridade jovens ou menos jovens de qualquer nacionalidade; Irmãs em formação: Irmãs do Seminário, Irmãs sem votos, Irmãs até 10 anos de vocação e outras pessoas em formação: aspirantes, pré-postulantes, postulantes e noviços de congregação de inspiração vicentina. Depois, há os grupos leigos, membros da Família Vicentina: a AIC ou Senhoras da Caridade e a Sociedade de São Vicente de Paulo. Com estes últimos, geralmente devido à limitação de tempo, pode ser providenciada uma seleção de cartas. A vantagem é lhes dar um material que pode se tornar parte de sua oração pessoal e partilha com outras pessoas mais tarde.

Qualquer que seja o grupo é importante também providenciar tempo para leitura e reflexão pessoal e um tempo de partilha em grupo, perguntas ou comentários. Frequentemente, quando o tempo está chegando ao fim, eu peço aos participantes para tomarem um momento para refletir e, depois, partilhar, se quiserem, esta pergunta: “Se você esquecer 95% de tudo o que nós lemos, refletimos e partilhamos durante nosso tempo juntos, o que você guardará, tornará seu e por quê?” Os resultados podem ser emocionantes. Lembro-me de que, numa ocasião, eu estava partilhando sobre Luísa com um grupo de seminaristas lazaristas. Eu apresentei as experiências de vida de Luísa e eles leram a e partilharam sobre suas cartas com diferentes Irmãs. Eu fiz a pergunta sobre o que guardariam, dei-lhes tempo para refletir e esperei silenciosamente. O primeiro seminarista a falar disse algo que eu nunca esquecerei. Com lágrimas nos olhos, ele começou:

*“Eu fui uma criança com pais divorciados. Eu experimentei tudo que a jovem Luísa sentiu: a raiva, a rejeição, a sensação de abandono, o isolamento. No entanto, ela foi capaz de superar tudo isso e, com suas cartas, ajudar as primeiras Irmãs a superarem a dor em suas vidas. Eu percebi que se ela conseguiu fazer isso e seguir em frente para viver sua vocação vicentina em plenitude, eu posso também”.*

Através dos séculos, Luísa tocou o coração deste rapaz e transformou sua vida. Ela fará o mesmo com todos que lhe permitirem.

**Um outro método para a leitura e reflexão dos escritos de Luísa é fazê-lo cronologicamente, na ordem em que foram escritos.**

Em alguns aspectos, isto é mais difícil. Com as cartas, temos apenas metade da correspondência. Lendo as que foram dirigidas a um destinatário, a situação e a pessoa ficam mais claras. Cronologicamente, as cartas para uma pessoa específica estão separadas pelas cartas dirigidas a outras pessoas com situações e circunstâncias diferentes. Isto é o que torna a leitura de Coste um desafio. Mas este método tem certas vantagens, e Luísa pode, certamente, se revelar e tocar os corações.

Quando vocês leem desta maneira, vocês, seguramente, irão notar que a classificação das cartas e dos escritos não segue uma ordem numérica. No final do século XIX, Irmã Geoffre,

Secretária Geral, reuniu os autógrafos, cartas e escritos tanto escritos pela própria Luísa quanto assinados por ela, e os numerou. Quando Irmã Elisabeth Charpy estava compilando os *Escritos Espirituais*, de 1983, ela examinou cada entrada e percebeu que alguns textos eram de uma data anterior ou posterior àquela que Irmã Geoffre tinha colocado. Então, apesar de manterem o número dado por Irmã Geoffre, eles estão agora na ordem que a pesquisa de Irmã Charpy revelou que eles devem estar. Por exemplo, na época de Irmã Geoffre acreditava-se que o E. 26, sobre a preparação para a Festa de Pentecostes, tinha sido escrito bem no começo da história da Companhia. A pesquisa mostrou, contudo, que ele é de 1657, depois da queda do assoalho da Casa Mãe onde ninguém ficou ferido. Foi apenas depois deste dramático acontecimento que Luísa começou a olhar para trás e reconhecer o papel vital do Espírito Santo em sua própria vida e no desenvolvimento da Companhia. É um exemplo impressionante da condição humana, mesmo dos santos, de que pode levar um longo tempo antes que a presença de Deus em nossas vidas se torne evidente.

Há uma outra vantagem em ler os escritos na ordem. Mostra tudo o que estava acontecendo naquele dado período. Minha aluna estava consciente disso em sua observação: “Onde Luísa encontrava tempo?”. A quantidade de Irmãs diferentes as quais ela escrevia numa época onde obras estavam sendo desenvolvidas e novos serviços estavam sendo criados mostra a importância que Luísa dava à sua pastoral de escrever cartas. Em toda a sua atividade, ela nunca perdeu de vista seu papel de Formadora, Mentora, Orientadora Espiritual e Amiga à distância.

### **É melhor ler as cartas de Luísa para Vicente em ordem cronológica.**

Elas mostram a evolução do seu relacionamento de Diretor/dirigida para o de Colaboradores e Amigos. Digno de nota é o fato de que nós temos apenas três cartas, todas para Vicente, anteriores à fundação da Companhia. Certamente, houve mais cartas, mas, provavelmente por causa de sua natureza altamente pessoal, elas não foram guardadas. A fim de preencher este vazio, encorajo vocês a lerem as cartas de Vicente para Luísa neste mesmo período no volume I de Coste<sup>2</sup>.

Vicente viu, obviamente, a grande inteligência e espiritualidade profunda desta mulher ferida e angustiada. Gentil, mas firmemente, ele a fez sair de si mesma e a tornou livre o suficiente para enviá-la a visitar as Confrarias da Caridade, em maio de 1629, como a primeira e, eu acrescentaria, a mais bem-sucedida colaboradora vicentina formada em sua escola<sup>3</sup>. O acompanhamento de Vicente dado a Luísa se tornou, para ela, um modelo do seu acompanhamento das Irmãs. Embora ele assumisse suas qualidades pessoais, manteve o melhor do que tinha aprendido com Vicente. A carta de Luísa a Francisca Carcireux que eu citei ontem atesta isso<sup>4</sup>.

Outro benefício da leitura das cartas cronologicamente é descobrir certas situações que, de outro modo, nós não veríamos. Quando olhamos as primeiras Irmãs, tendemos a achar que eram todas como Margarida Naseau ou que em tudo que Vicente, Luísa e estas Irmãs tocaram se transformou em ouro; que tudo foi um sucesso. Todas fazemos o que em francês se diz “enjoliver le passé”, que é achar que o passado foi perfeito. Se este passado deve ser benéfico para nós quando enfrentamos um futuro incerto, ele tem que ser visto como um todo, com seus pontos altos e baixos, seus sucessos e fracassos. A Companhia era um empreendimento totalmente novo e estes pioneiros estavam dispostos a correr riscos; riscos com as pessoas e os serviços. E correr riscos significa,

ocasionalmente, fracassar. Se eles não estivessem dispostos a isso, a Companhia não teria continuado a crescer e nós, provavelmente, não estaríamos aqui hoje.

Citarei apenas um pequeno exemplo de um trabalho que não foi bem-sucedido que mostra também o apoio de Luísa às Irmãs e sua coragem e força de caráter. Ele está relacionado ao serviço das Filhas da Caridade em Chars. As Irmãs foram para lá em 1647. Seu serviço envolvia um hospital, uma escola e a visita aos pobres em suas casas. Depois de começar bem, as coisas se deterioraram rapidamente. Os problemas foram com o padre da paróquia cujas exigências entraram em conflito direto com as práticas da comunidade. As Irmãs foram submetidas à humilhação pública quando lhes foi recusada a Sagrada Comunhão na grade do altar e pedido que fizessem penitência pública. Depois de conversar com Vicente e a Senhora da Caridade que havia solicitado as Irmãs, Luísa informou ao Pároco que as Irmãs estavam se retirando. Ela disse, com evidente tristeza, à Senhora de Herse, a Senhora da Caridade envolvida, "...não será por escolha nossa que nos retiraremos do emprego que a Providência nos havia confiado, sem dúvida, por um tempo"<sup>5</sup>. Isso foi em 1657. Este risco falhou, mas muitos outros floresceram.

Lendo as cartas de Luísa em ordem cronológica, descobrimos como tudo isso aconteceu e como Luísa e as Irmãs reagiram ao sucesso e ao fracasso.

Outra vantagem, talvez a maior de todas nesta abordagem de leitura das cartas, é que descobrimos a visão de Luísa da vida comunitária e do serviço, e das qualidades e virtudes necessárias para tornar esta visão realidade. Práticas comunitárias como os votos anuais são instituídas e explicadas. Descobrimos o começo da subsidiariedade com a indicação das Irmãs Serventes e das Visitadoras, que não eram as Provinciais, já que não havia Províncias, mas Irmãs enviadas por Luísa para "visitar" outras Irmãs, particularmente em missões distantes, para ver como estavam e se o serviço dos pobres estava sendo bem realizado.

Um elemento recorrente nas cartas de Luísa é seu pedido às Irmãs que lhe escrevam para contar como estão. Embora Luísa estivesse diretamente envolvida na fundação das novas obras, ela sempre colocou as Irmãs no centro de sua missão. É a partir do seu exemplo que aprendemos que nossas Irmãs são nossos primeiros pobres. Este é o carinho de Luísa para quem cada Irmã era importante. Ela queria que as comunidades locais fossem o que, mais tarde, o Cardeal Bernardin chamou "famílias de fé", onde cada Irmã se sentisse valorizada e apoiada, numa palavra, que pertencia à comunidade. As cartas de Luísa foram instrumentos para ajudar a construir e manter tais comunidades em meio aos desafios de pessoas com caráter e personalidade diferentes, vivendo e servindo juntas em seus serviços que eram, frequentemente, exaustivos e estressantes.

**Um outro método de leitura dos escritos de Luísa consiste em estudá-los por tema ou por assunto.**

Esta é a maneira mais frequente pela qual nos aproximamos dela. Estamos preparando uma partilha comunitária, uma apresentação para um grupo, uma reflexão pessoal antes da Renovação ou uma liturgia e queremos algumas citações de Luísa. Nós queremos saber o que ela partilhou com as Irmãs sobre nossa vocação, nossos votos, nosso papel como Irmã Servente, nosso relacionamento com nossas companheiras, nossos colaboradores e com aqueles a quem servimos.

Irmã Elisabeth Charpy previu isso quando compilou as cinquenta páginas do Índice analítico da edição de 1983 dos *Escritos Espirituais* que foi traduzido para a edição em inglês (e português também). Muitos índices não são muito úteis porque se limitam a nomes de pessoas e lugares. Irmã Elisabeth certamente inclui todos os que são significativos, mas ela divide o tópico para que possamos encontrar melhor o que estamos procurando. Ao invés da palavra-chave “Nantes” seguida pelos números das páginas, Irmã Elisabeth, resumidamente, conta a história do hospital através dos subtítulos. Nós somos orientadas sobre a fundação da obra; a viagem de Luísa para acompanhar as Irmãs; o contrato; as Irmãs que foram enviadas para lá; as dificuldades. O mesmo tipo de detalhes é encontrado em “Angers” e em outros estabelecimentos mais importantes da jovem Companhia. Depois dos nomes das Irmãs, nós encontramos a referência da página com um esboço biográfico e também os lugares onde elas serviram.

Talvez o mais prático para nós, fora os lugares ou mesmo as Irmãs seja utilizar os temas cujos títulos aparecem. Conhecemos bem as Conferências de Vicente sobre a Vocação da Filha da Caridade, mas o índice nos levará às palavras de Luísa sobre elas. E, ao contrário do índice de pessoas e lugares, ele nos levará aos seus *Escritos*.

Estes textos são, às vezes, mais difíceis, mas junto com as cartas sobre o mesmo assunto, eles nos dão uma compreensão clara das ideias de Luísa, muitas das quais são um resultado direto de sua oração. São em textos como estes que encontramos as citações que procuramos. Com esta abordagem, nós descobrimos sua compreensão das virtudes de nosso estado, nossos votos e a maneira como somos chamadas a viver umas com as outras em comunidade e para servir os pobres. Estes textos também nos mostram Luísa como formadora e orientadora espiritual. A uma Irmã ela pede obediência; a outra, humildade; a todas, confiança na Providência Divina e abandono à Vontade de Deus.

### **A oração de Luísa segue o ritmo do ano litúrgico.**

Em suas cartas, e também nos seus *Escritos*, encontramos referências aos principais mistérios da vida de Nosso Senhor, às grandes festas do Natal, da Páscoa, da Ascensão e, especialmente, Pentecostes. O lugar e a importância do Espírito Santo na vida de Luísa e na vida da Companhia estão enraizados em sua oração, reflexão e nas cartas às Irmãs sobre este assunto. Não é sem razão que nós elegemos a Superiora Geral no domingo de Pentecostes, após o retiro da Ascensão a Pentecostes. Luísa fazia seu retiro anual nesta época e estimulava as Irmãs que podiam, a fazer o mesmo.

Quando se reflete sobre os serviços extraordinários realizados por Vicente, Luísa e suas filhas, pode-se facilmente ficar deslumbrado vendo até que ponto eles descobriam a miséria dos pobres e as aliviavam. Pode-se também perder de vista a força unificadora por detrás de tudo isso: a visão de Jesus Cristo sofrendo no pobre que elas serviam.

A centralidade de Jesus crucificado na evolução espiritual de Luísa é evidente desde seus primeiros escritos. A vida lhe ensinou que sua vocação era unir-se a Jesus na cruz. Um texto em seus *Escritos*, com data anterior a 1633, é revelador neste sentido. Ela diz:

*“Deus me tem concedido tantas graças, como a de fazer conhecer que sua vontade era que eu fosse a Ele pela cruz, que sua bondade quis que eu a tivesse desde o meu nascimento e não me deixando quase nunca, em qualquer idade, sem ocasiões de sofrimento”*<sup>6</sup>.

Isto não é autopiedade da parte de Luísa. Sua fé e sua experiência, assim como a gentil orientação de Vicente, a ajudaram a sair de si mesma em direção ao dom total de si para o serviço de Jesus Cristo crucificado nos pobres. Mais tarde, ela estimulará suas Filhas a seguir Jesus até os pés da cruz que elas deveriam escolher como seu claustro<sup>7</sup>. O que nós estamos vendo aqui é uma mistura da contemplação e do serviço a Jesus crucificado em todas as formas de miséria humana que é o nosso carisma. A leitura e a reflexão deste e de outros temas, usando o índice como um guia, permitirá a cada uma de nós aprofundar nossa própria compreensão de nossa vocação vicentina e ajudar outras pessoas a fazerem o mesmo. Isto também deixa muito claro a que ponto o que nós chamamos nossa vocação vicentina vem de Luísa.

Antes de terminar este método de leitura das cartas e escritos de Luísa, há um outro tema que eu acredito merece uma atenção particular, que é Maria. Nós todas estamos bem conscientes da importância de Maria na Companhia. O desejo de Luísa para nós, no leito de morte, foi claro: “Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe”<sup>8</sup>. O estudo da devoção mariana de Luísa como encontrado em suas cartas e escritos mostra-nos que se trata de uma teologia saudável e uma espiritualidade profunda ela é. Olhe no índice a entrada Maria e você encontrará uma rica fonte para sua própria devoção. As possibilidades para partilhar aqui são limitadas apenas pela sua própria criatividade. Oração, reflexão e partilha sobre Luísa e Maria também permitem nos movermos para frente e para trás entre as cartas e os escritos mais complexos.

### **O método “pegar e ler”**

Há mais uma abordagem que eu gostaria de sugerir que vocês considerem. Aquelas que nós acabamos de apresentar são as mais formais e requerem mais tempo. Em nível pessoal, elas são mais adequadas para tempos de retiro, encontros ou apresentações para grupos. Embora ler e rezar com os escritos de Luísa sobre a vinda do Espírito Santo para se preparar para Pentecostes ou suas reflexões sobre o Advento seja, certamente, possível e proveitoso. Esta abordagem é muito mais simples e pode ser mais frequente, mesmo diária. É o que eu chamo de o “Método Pegar e Ler”. Qualquer um dos métodos acima pode ser adaptado a este. Pode ser uma carta ou um parágrafo de um dos escritos de Luísa. Pode ser das cartas a uma Irmã ou sobre um tema especial. Pode ser das cartas ou dos escritos em ordem cronológica. Ou, se você quiser deixar inteiramente nas mãos de Luísa e do Espírito, você pode, como com a Bíblia, apenas abrir o livro e ler o que está lá.

Um antigo aluno meu da Universidade de Niágara usa o “Método Pegar e Ler”. Toda noite, antes de ir para a cama, ele lê, ao menos, um parágrafo de Luísa. Ele se formou em 1991, então, ele está, agora, em seus quarenta anos. Ele tem um emprego de grande responsabilidade e estressante como Diretor dos Serviços de Saúde para o Sistema Penitenciário do Estado da Califórnia. No entanto, ele continua com Luísa. Por vezes, ela o faz sorrir. Outras vezes, ela toca seu coração ou o ajuda numa decisão difícil. Ele me disse *“Ela sempre me dá alguma coisa para pensar e alguma coisa para rezar e me acalma para dormir”*.

Luísa está sendo mais e mais reconhecida. Suas experiências de vida: a infância conturbada; as decepções; o marido doente; a viúva com uma criança difícil; a mulher consagrada; a Fundadora;



a inovadora; a educadora; a administradora de hospital e a assistente social, todas encontram eco nas pessoas do século XXI, na Companhia ou fora dela.

Então, muitas pessoas podem, agora, encontrar incentivo, inspiração e conforto nela. E seus escritos lhe permitem falar conosco e com elas. A minha esperança é que estas abordagens possíveis dos escritos possam ajudá-las a conhecê-la melhor, para que ela possa falar a seus corações e aos corações das pessoas com quem vocês compartilham suas palavras como uma pessoa real, uma Formadora, Mentora, Orientadora Espiritual e Amiga realizando seu ministério epistolar à distância.

Irma Louise SULLIVAN  
*Filha da Caridade*

*Notas*

<sup>1</sup> SV, II, pág. 334

<sup>2</sup> SV, I, páginas 23-221.

<sup>3</sup> Ibid. 64.

<sup>4</sup> SL, C.549, pág. 590

<sup>5</sup> SL C. 591, pág. 633

<sup>6</sup> SL E. 19, pág. 804

<sup>7</sup> SL E.105, pág. 950

<sup>8</sup> SL, Testamento Espiritual, pág. 967